

AAD

ano VII . #31

WONKAMON

OSCAR MILANO

DIETER BRANDAU

KEITH VAUGHAN

RICHARD POULIN

FELIPE FONTOURA

GLENN IBBITSON

DAVID SIERRA

FALO® é uma publicação bimestral.
março 2024.
ISSN 2675-018X
versão 20.03.24

edição, redação e design: Filipe Chagas
corpo editorial: Dr. Alcemar Maia Souto, Guilherme
Correa e Rigle Guimarães.
site: Pedro Muraki

capa: fotografia de David Sierra.

Zelo e técnica foram empregados na edição desta revista. Ainda assim, podem ocorrer erros de digitação ou dúvida conceitual. Em qualquer caso, solicitamos a comunicação (falonart@gmail.com) para que possamos verificar, esclarecer ou encaminhar a questão.

Direitos e Comprometimento:

Esta revista está comprometida com artistas que possuem direitos autorais de seu próprio trabalho. Todos os direitos estão reservados e, portanto, nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de forma mecânica ou digital sem autorização prévia por escrito do artista.

Temos o cuidado de garantir que as imagens usadas nesta publicação tenham sido fornecidas pelos criadores com permissão de direitos autorais ou sejam livres de direitos autorais ou sejam usadas no protocolo de "uso justo" compartilhado pela internet (imagens em baixa resolução, atribuída a seu criador, sem fins lucrativos e usada apenas para ilustrar um artigo ou história relevante).

Se, no entanto, houve uso injusto e/ou direitos autorais violados, entre em contato através do e-mail falonart@gmail.com e procederemos da melhor forma possível.

Submissões:

Caso haja o interesse de participar da revista seja como artista, modelo ou jornalista, entre em contato através do e-mail falonart@gmail.com.

FC DESIGN
R. Mario Portela 161/1603 C, Laranjeiras
Rio de Janeiro – RJ 22241-000



COLAB55



COMPRA AQUI

Sumário

WONKAMON 8

OSCAR MILANO 22

DIETER BRANDAU 42

FALO DE HISTÓRIA
Keith Vaughan 60

FALO em FOCO
Richard Poulin 80

FALO em FOCO
Felipe Fontoura 86

FALO EM FOCO
Glenn Ibbitson 92

FALO em FOCO
David Sierra 98

FALÓFORO 106

CONTOS DO FALO
Aos vermes 110

CRÔNICA FÁLICA
O despertar dos amantes 114

Adão Iturrusgarai | Marlon Thor 116

FALO com VOCÊ 118

moNUmento 121



Após um ano de celebrações, é hora de seguir em frente, mas lembrando dessa trajetória árdua, intensa e incrível. Por exemplo, me dei conta que os artistas de capa das edições em espanhol não haviam aparecido nas edições em português. Então, você tem em mãos a tradução para o nosso idioma dos trabalhos de Wonkamon, Oscar Milano e Dieter Brandau (claro, com artes inéditas para manter o olhar aguçado!).

A seção *Falo em Foco* também ganhou mais foco (com trocadilho) nesta edição. Essa seção existe desde a primeira edição, trazendo uma única arte dentro da temática de nudez masculina. A ideia era mostrar trabalhos pontuais de artistas que não possuem essa temática como discurso criativo. No ano passado, a seção deixou de ser apenas uma página com uma imagem: foi ampliada para seis páginas trazendo uma série artística pontual. Nesta edição, você verá a seção QUATRO vezes!

Explicando: desde 2019, para obter o selo de revista científica, a *Falo* recebe portfólio de artistas, textos acadêmicos e jornalísticos para avaliação de pertinência e posterior colaboração. Como são somente cinco edições por ano, a lista de submissões só aumenta, aumenta, aumenta... e fica difícil ter espaço pra todos. Então, tomei a decisão de pegar a primeira edição do ano (sempre em março) para mostrar mais trabalhos interessantes que estão por aí.



Nota sobre nudez:

Esta publicação é sobre a representação da nudez masculina na Arte. Há, portanto, imagens de genitália. Consulte com precaução. Caso se sinta ofendido, apenas pare de ler. Entre em contato se achar conveniente.

Com isso – sendo “isso” o aumento de contato com artistas nacionais e internacionais para uma única publicação –, eu também decidi não escrever a minha coluna (*Falorrágia*). Assim, esta edição tem muito mais Arte e menos blá blá blá. Até porque sei bem que vivemos na Era do Audiovisual e, se ler um texto de mais de 140 caracteres está cada vez mais impossível, imagine um artigo inteiro! Mas não pense que eu desisti de escrever! Vou continuar produzindo conteúdo de qualidade para espalhar conhecimento nesse mundão virtual sem lei. Ainda mais agora que tenho diploma em Sexologia e em Massagem Tântrica! Aliás... me aguardem, porque vem coisa por aí.

Como eu recebo semanalmente as estatísticas de acesso à revista, eu sei bem quem, quando e onde a *Falo* tem andado. É isso mesmo: **eu sei se você leu ou não**. Quer dizer... eu sei se você acessou. Se você leu mesmo ou se apenas olhou as imagens, isso é uma questão sua. O “Big Brother” aqui não é tão sufocador.

Sendo assim, aproveite essa edição cheia de Arte do jeitinho que você preferir!

Filipe Chagas
criador e editor



Em comemoração
aos **5 anos** da Falo:

ÚLTIMAS CÓPIAS



Tiragem única, limitada, assinada e numerada!

A primeira edição (março/2018)
foi **IMPRESSA** com
algumas novidades.

Mande e-mail para
falonart@gmail.com
e saiba como adquirí-la.



Wonkamon

por Filipe Chagas

Um chileno Rodrigo Escobar era aquela criança que participava de concursos de desenho e suas atividades extracurriculares estavam relacionadas à Arte. Suas primeiras ilustrações foram retratos à lápis, ou de pessoas aleatórias do Instagram ou de amigos. Aos poucos foi encontrando um estilo próprio até desenvolver personagens autorais, que, com um toque de sedução, foram conquistando o público. Ao se tornar inspiração para outros artistas e receber apoio pelas redes sociais com seu pseudônimo **Wonkamon**, começou a entender seu potencial artístico.

wonka mon



Embora pratique várias técnicas – pintura e escultura em cerâmica, por exemplo – Rodrigo é principalmente um artista digital (“manuseio vetores e pixels ao criar uma ilustração”) formado em design gráfico. Seu processo criativo sempre começa com lápis, papel e muitos esboços:

Minha vida é uma brincadeira todos os dias. Vivo fantasiando e imaginando. Em momentos de bloqueio artístico, simplesmente respiro, saio, tomo um café quente e um pão doce, e busco alguma lembrança de infância ou em alguma anedota vivida.

10

Pênis de cerâmica.

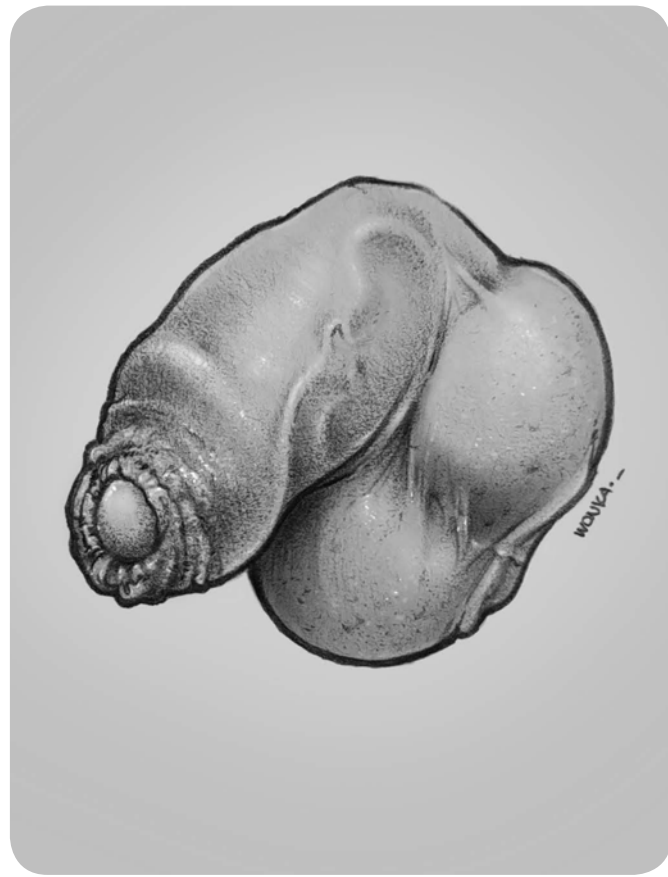
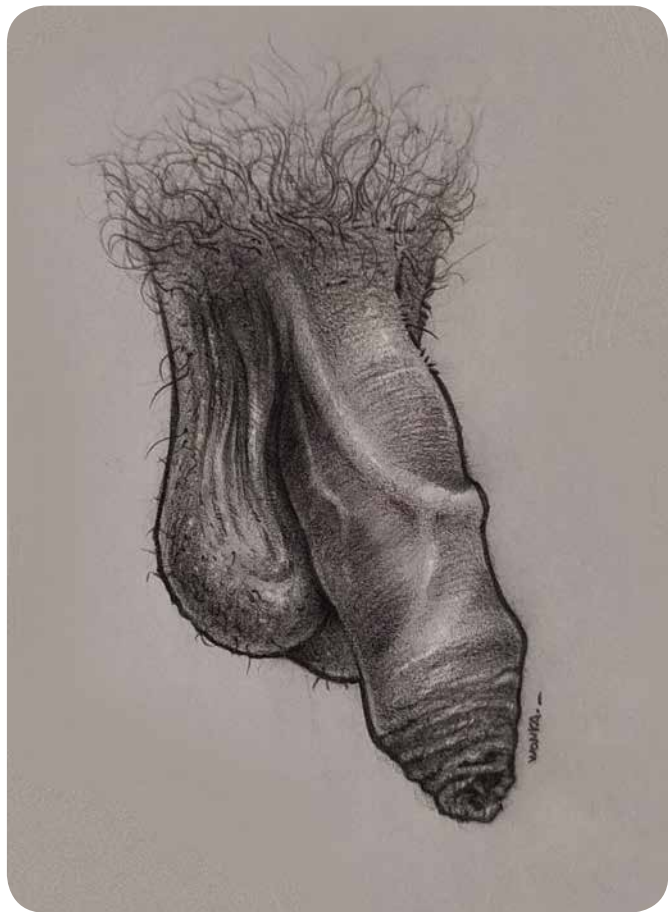


Esboço.



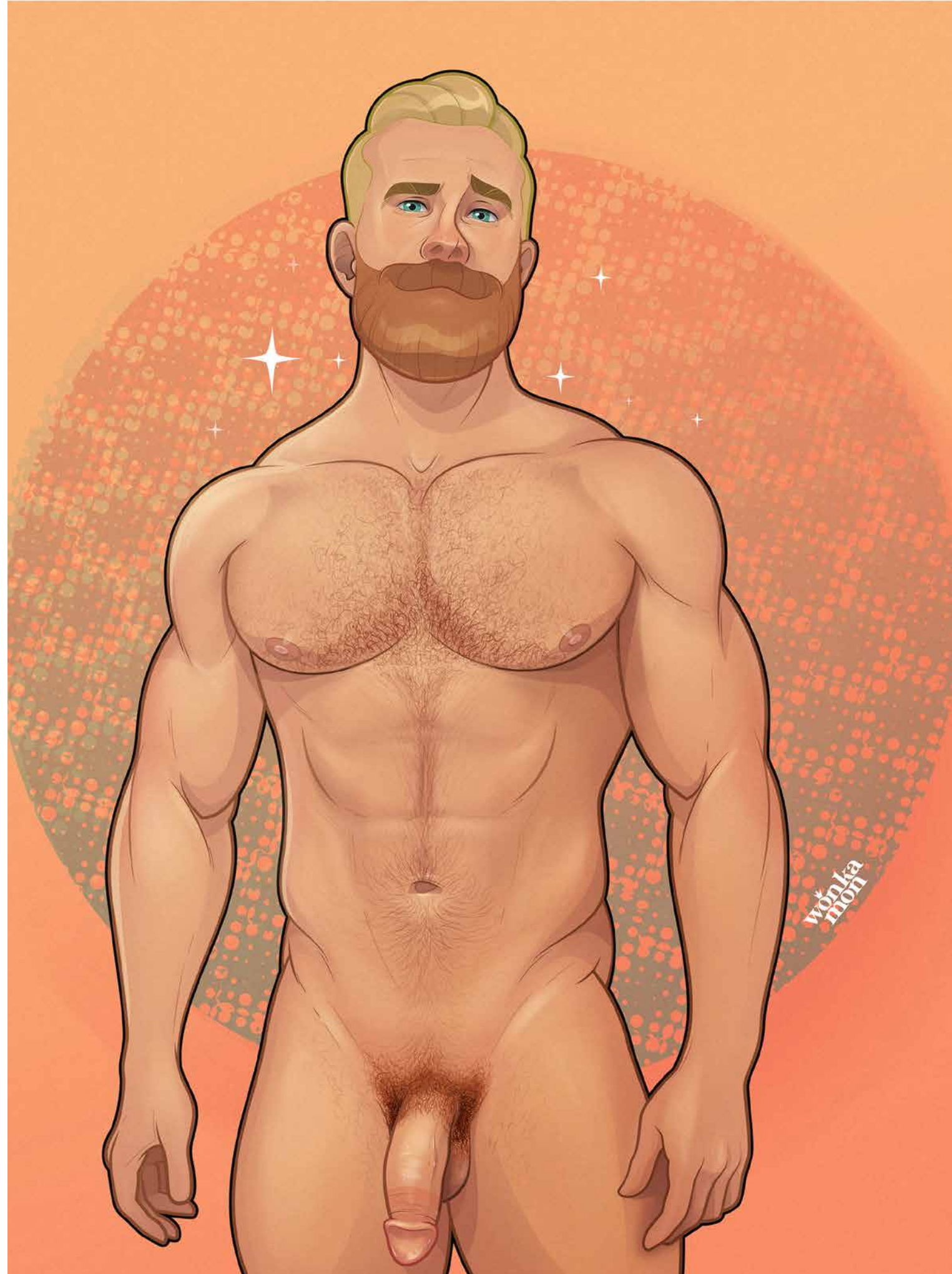
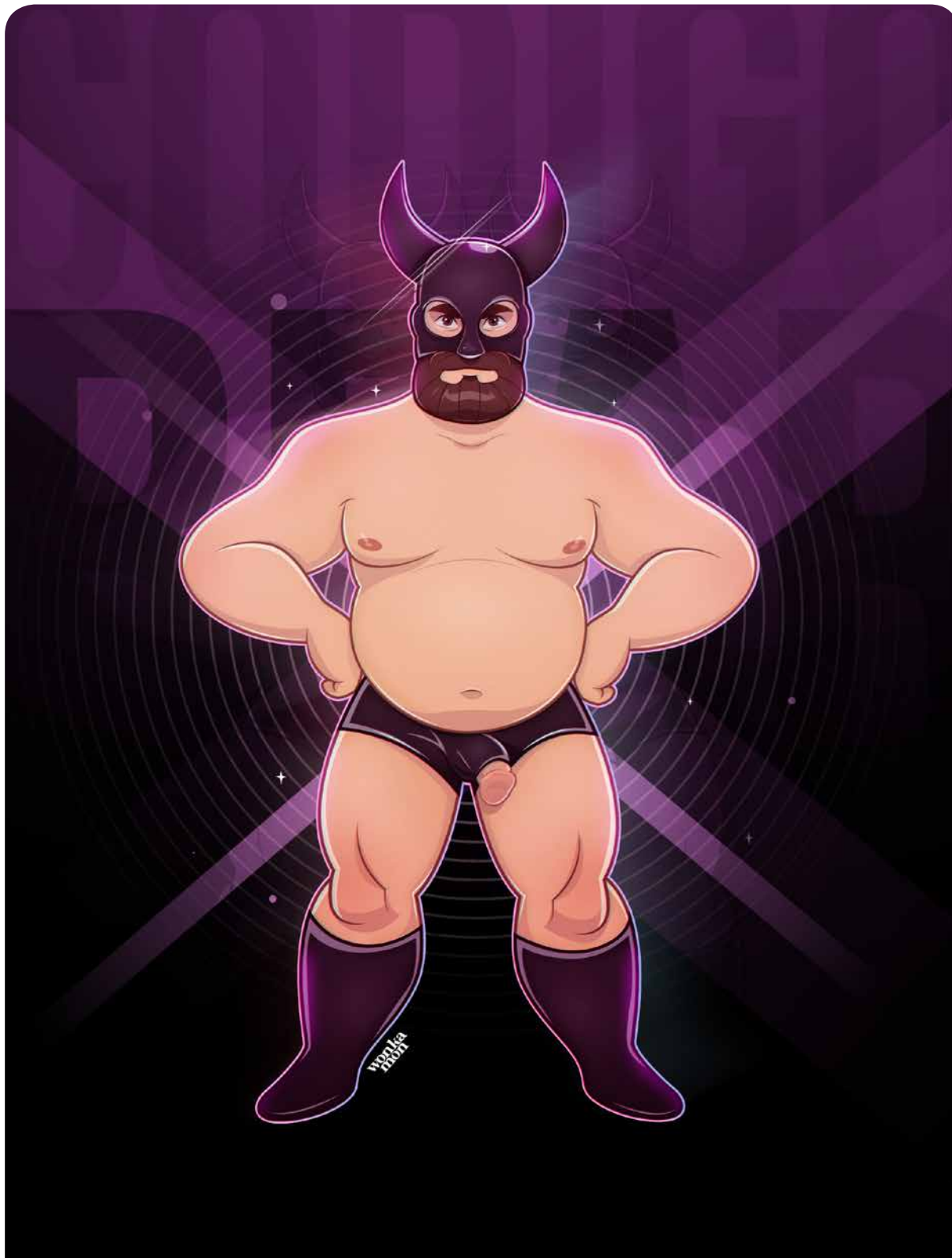
Autorretrato.



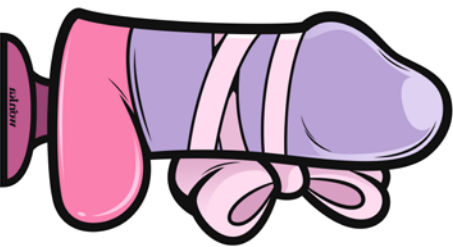




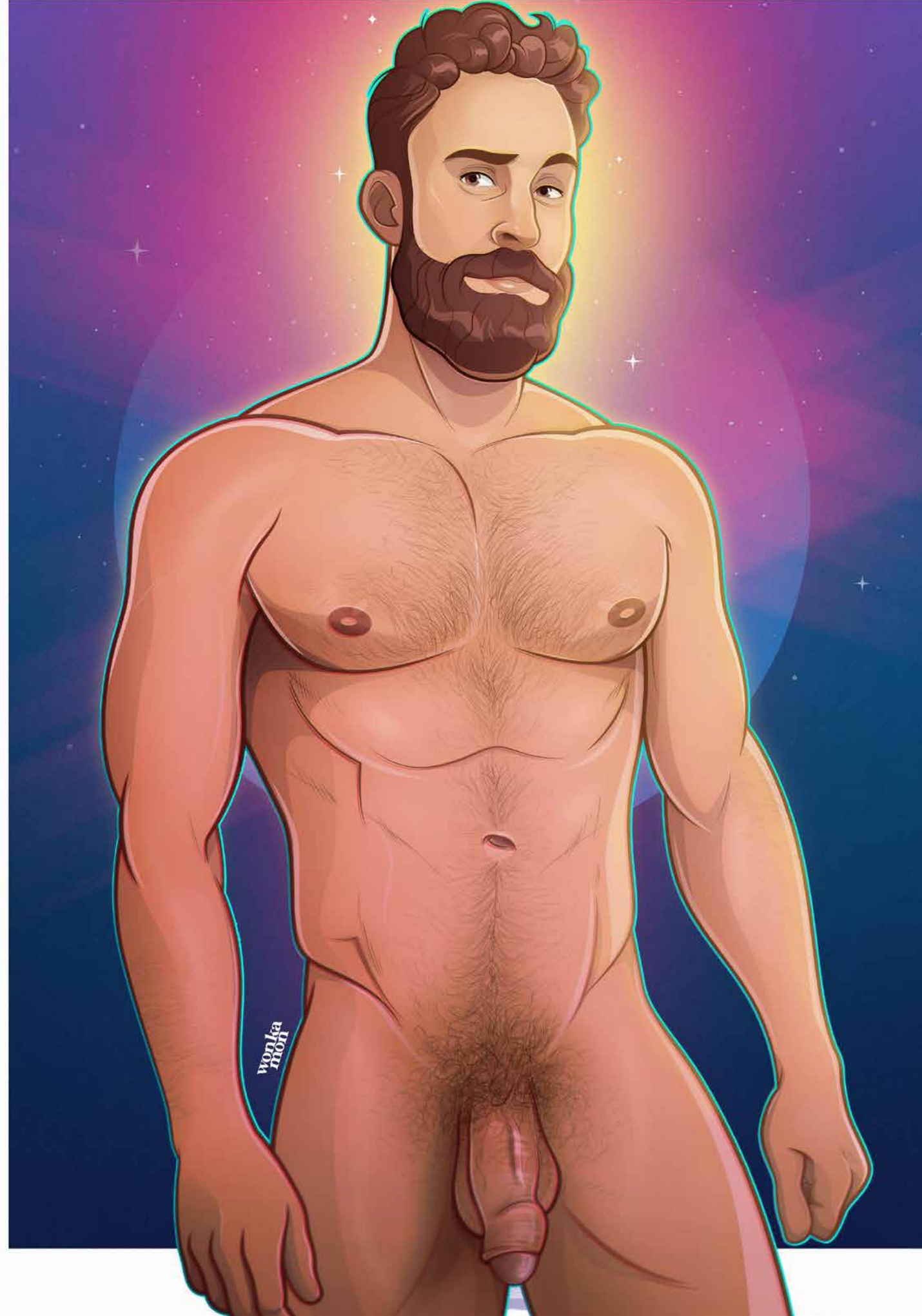
Amante de brinquedos vintage (“coleciono principalmente pênis, minha coleção de pênis vem crescendo a cada dia, já tenho mais de 500”), direcionou suas ilustrações para um foco “cosplay”, ou seja, personagens inspirados em desenhos antigos ou atuais de séries de televisão, sempre com um charme destacado. Embora prefira fazer retratos ou bustos, seus trabalhos mais curtidos são os que mostram mais corpo e beiram o erótico, com uma pegada kinky.

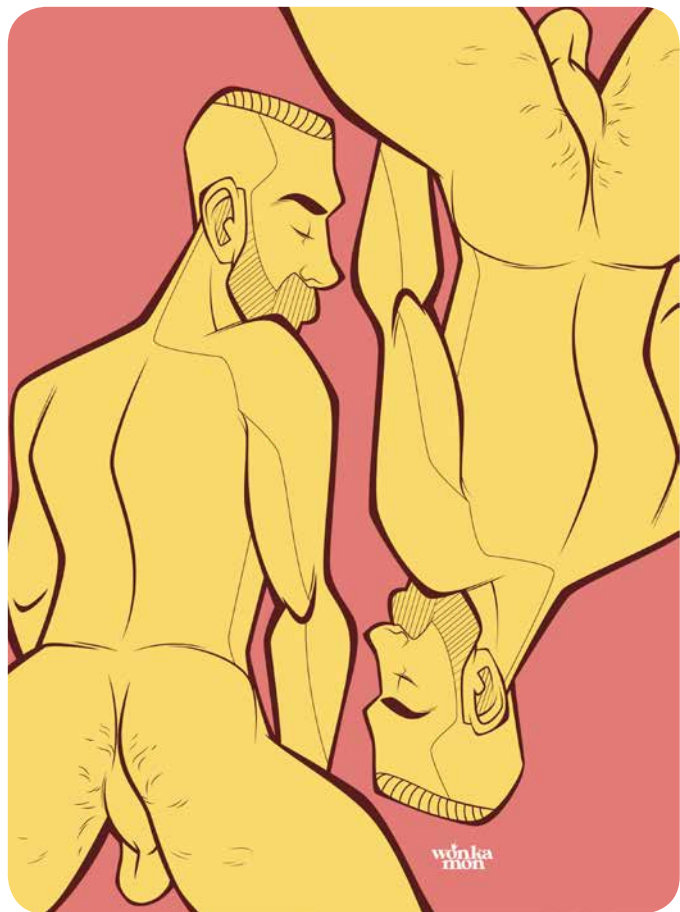






O artista acredita que a representação do corpo masculino vive em um constante cabo de guerra entre a sensualização e objetificação homoerótica e que, mesmo com “o corpo do macho alfa” ainda ser reivindicado como padrão de desejo, estão se abrindo espaços para corpos diversos. Apesar de considerar o corpo feminino lindo, doce e cheio de curvas, Rodrigo prefere retratar com linhas grossas homens que possuem corpos de formas bem definidas, sejam musculosos ou rechonchudos.





Acima, várias ilustrações digitais em diferentes estilos. Abaixo, modelo e ilustração.



Sobre a nudez em si, lembra que ela sempre foi e sempre será fonte de inspiração para a Arte (“a genitália masculina sempre foi objeto de inspiração, não é algo novo”), já que ela faz parte de nossa natureza e deveria ser normalizada. Acredita que o pênis cria uma narrativa – seja de mistério e vulnerabilidade quando flácido ou de desejo e coragem quando ereto:

Sinto que há um estereótipo de como deve ser um pênis ou uma ilustração de nudez. O pênis grande ou pequeno não indica nada sobre como somos como pessoas. Somos todos diferentes e devemos nos amar assim.

Radicado no México desde 2014, Rodrigo busca se comunicar através de suas ilustrações digitais, dando uma abordagem divertida e não apenas erótica. Ainda quer tempo para compilar sua Arte em um livro, mostrando que seu objetivo é - e sempre foi - quebrar a norma. **8=D**



Autorretrato.





Oscar Milano

por Filipe Chagas

A fome de **Oscar Milano** pelas Artes começou na gastronomia. Formou-se na melhor universidade da Venezuela e fez carreira na área como professor universitário e diretor de uma prestigiada escola de culinária. No entanto, desde a adolescência alimentava-se de pintura, música e, principalmente, fotografia. Devorava livros de Arte clássica, renascentista, barroca, contemporânea, bem como de moda e de fotografia documental. Fotógrafos como Richard Avedon, Robert Mapplethorpe, Helmut Newton, Herb Ritts, Terry Richardson tornaram-se algumas de suas referências.

Meu trabalho artístico é uma mistura de estilos em que reminiscências da estética da arte clássica podem ser encontradas na companhia de símbolos contemporâneos.





Série Deuses.





Com bastante disciplina, estudou por conta própria tanto a parte técnica quanto as questões estéticas e simbólicas da imagem que nos fazem refletir, lembrar ou simplesmente sentir prazer de diversas formas. Da fotografia analógica, aprendeu a precisão criativa (“antes de clicar, você deve ter certeza de que o quadro contém tudo o que você deseja expressar da cena que está observando”) que usa na construção de suas imagens e nos códigos compositivos de sua fotografia digital.

Com vinte anos já pensava em como era raro ver o corpo masculino nu representado na arte (em comparação com o corpo feminino) e começou a fotografá-lo. Em seu primeiro ensaio, Oscar recrutou a ajuda de amigos próximos que se atreveram a posar de bom grado. Mesmo com a aprovação dos retratados, essas primeiras experiências o frustraram, pois parecia faltar algo: eram somente corpos nus sem narrativa ou emoção.

Acredito que a fotografia de nu artístico deve, na verdade, superar o nu e não ficar somente. Por mais diretas, ousadas ou bizarras que algumas delas possam ser, é preciso que elas diga algo além do que mostra diretamente.





Passou, então, a estabelecer um vínculo com os modelos para que as fotos revelassem atitudes, gestos e linguagens corporais que só podem ser percebidas quando há confiança. Percebeu que os homens que registrava tiveram uma mudança muito importante e drástica em sua autopercepção física ao se observarem em suas composições, reconhecendo-se de uma forma diferente, mais gentil, mais terna e até mais atraente.

Entendi que os homens foram educados a não se ver e se reconhecer do ponto de vista estético e muitos sofrem em silêncio sua angústia de não se sentir bem com o corpo que habitavam. Foram convencidos de que são errados. É uma insegurança que vem a partir de um condicionamento social. Isso me motivou a tomar a decisão de fazer do corpo masculino o protagonista do meu trabalho, seja ele gordo, com cicatrizes ou com deficiência, com a ideia de não só criar beleza, mas também conscientizar todos aqueles que veem minhas fotografias.



Oscar em ação.





Sem pudor ou tabu, Oscar acredita que todo o corpo, em diferentes atitudes e situações, pode ser mostrado diretamente, cuidando para que a linguagem da imagem contribua com a mensagem que se quer transmitir. Portanto, o pênis é somente mais uma parte do corpo, como um nariz ou uma mão. Porém, sabe que, por pertencer à categoria de “órgão sexual”, vem carregado de estigmas religiosos, históricos e sociais, que nos fazem observá-lo como “inimigo” ou “pecado” e, assim, desviarmos o olhar com reprovação. Ao mesmo tempo, esse órgão é símbolo cultural por excelência da masculinidade e do machismo, colocando a nudez masculina como um sinal de vulnerabilidade, fraqueza e até feminilidade cultural, ao equipará-lo com a forma que se mostra o corpo da mulher. Por isso, o fotógrafo coloca o falo em foco, seja ereto (“dá força à imagem, mesmo sem um discurso erótico em si”) ou flácido (“menos ameaçador permite sentir sente mais emoções ou uma atitude descontraída e íntima”), para brincar com suas contradições simbólicas.

Oscar lembra que sua criação já fora mais orgânica (“trabalhava de acordo com o momento em que a inspiração chegava”), mas, com o tempo, tornou-se mais metódico. Entre anotações de ideias e pesquisas, desenvolve seus projetos de forma individual ou simultânea (“minha natureza geminiana ou meu caráter ansioso me impedem de depender do acaso”). Ao ganhar uma menção honrosa na categoria Fotografia do mais importante Salão de Arte da Venezuela, sentiu-se artisticamente validado apesar da recorrente falta de reconhecimento do nu masculino pelos espaços formais de Arte na América Latina. Hoje com o surgimento de redes sociais como Twitter e OnlyFans, acredita que a nudez foi democratizada e, conseqüentemente, o corpo masculino ganhou mais espaço e novos pontos de vista (“menos escandalosos”).





Essa foi uma das razões de Oscar ter criado a revista *Erotic Life Magazine*, onde não só faz ativismo através da Arte e da nudez masculina como descobre e dá espaço a novos artistas do continente latinoamericano.



*Estar em contato com tantas pessoas ao longo dos anos me alimentou pessoalmente e me ensinou a entender melhor como é complexo vivenciar a masculinidade em nossa cultura. O trabalho desses artistas é percebido da maneira correta e não como um trabalho sem transcendência que só pretende erotizar. Impulsionei também a criação do **Círculo de Arte Erótica Latinoamericana** como um espaço de reflexão e criação coletiva.*



Afirma que é preciso conferir dignidade ao trabalho com nudez artística, independente de sua memória plástica, e recomenda para quem deseja seguir carreira fotográfica nesta categoria buscar um estilo diferenciado para se destacar na multidão. Assim como ele o faz. **8=D**



*Cirurgia
plástica
para você.*



Dr. Alcemar Maia Souto CRM 5246681-1

+55 21 97395 8000

alcemarmaiasouto@gmail.com

Dieter Brandau

por Filipe Chagas

O rapaz, a lagoa e a rã, 2024.



período renascentista estabeleceu um status de valor para o realismo na arte: quanto mais próxima a arte está do que se vê, melhor ela é. Essa ideia se perpetuou pelos movimentos artísticos seguintes e, mesmo com a chegada da fotografia e das vanguardas artísticas quebrando paradigmas, a ilusão de ótica (*trompe l'oeil*) se mantém até hoje como um cânone. No que se diz respeito à representação do corpo humano, isso se deu a partir de um conceito idealizado de beleza clássica, que o chileno **Dieter Brandau** utiliza para reverter as perspectivas hegemônicas.

A construção de suas narrativas artísticas exploram a masculinidade a partir da fragilidade e da naturalidade, utilizando um enfoque onírico e contemplativo que tende a retratar personagens melancólicos e solitários. Sua ideia é também apresentar às próximas gerações de jovens gays um erotismo que abrange muito mais do que as referências que a mídia (e a indústria pornográfica) oferece.

Acredito que estamos presos à noção de que a masculinidade é uma virtude reservada a corpos musculosos, barbeados e extremamente viris. Busco exatamente o contrário: representar corpos mais realistas, sem seguir estereótipos e, assim, apresentar a autenticidade da masculinidade para superar conceitos tóxicos culturalmente enraizados. Procuo investigar aqueles aspectos que enfraquecem culturalmente a masculinidade, como pênis pequenos e flácidos, corpos mais robustos, feminilidade, entre outros. Quero realçar a beleza das pessoas comuns, dos corpos naturais.



Ametrino, 2021.



A estrela fugaz, 2021.





O tempo, 2021.

O meteorito, 2021.





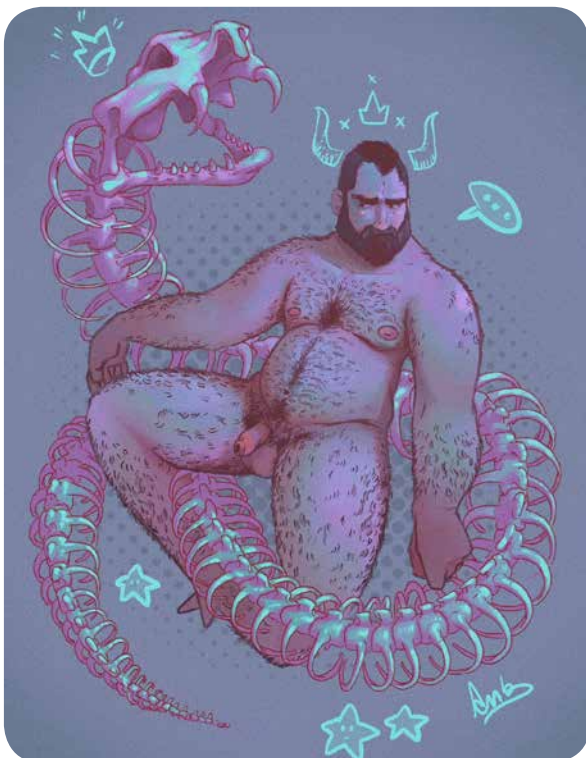
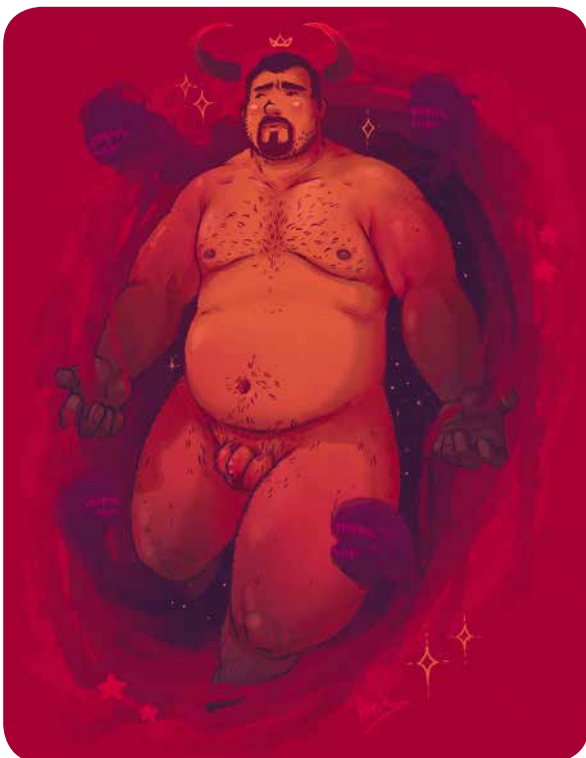
Ío, 2022.



Spica.

Com sua alma inquieta, já experimentou diversos estilos e técnicas ao longo do tempo, concentrando-se atualmente na produção digital sem limitar seu processo criativo. Seus primeiros desenhos atenderam a pedidos de amigos próximos que procuravam versões eróticas de personagens fictícios, porém, suas ideias eram mais profundas e fundiam elementos científicos e espirituais, capazes de fazer o espectador desejar entender o significado por trás dos símbolos, das imagens e das cores.

O homem arcano, 2022.

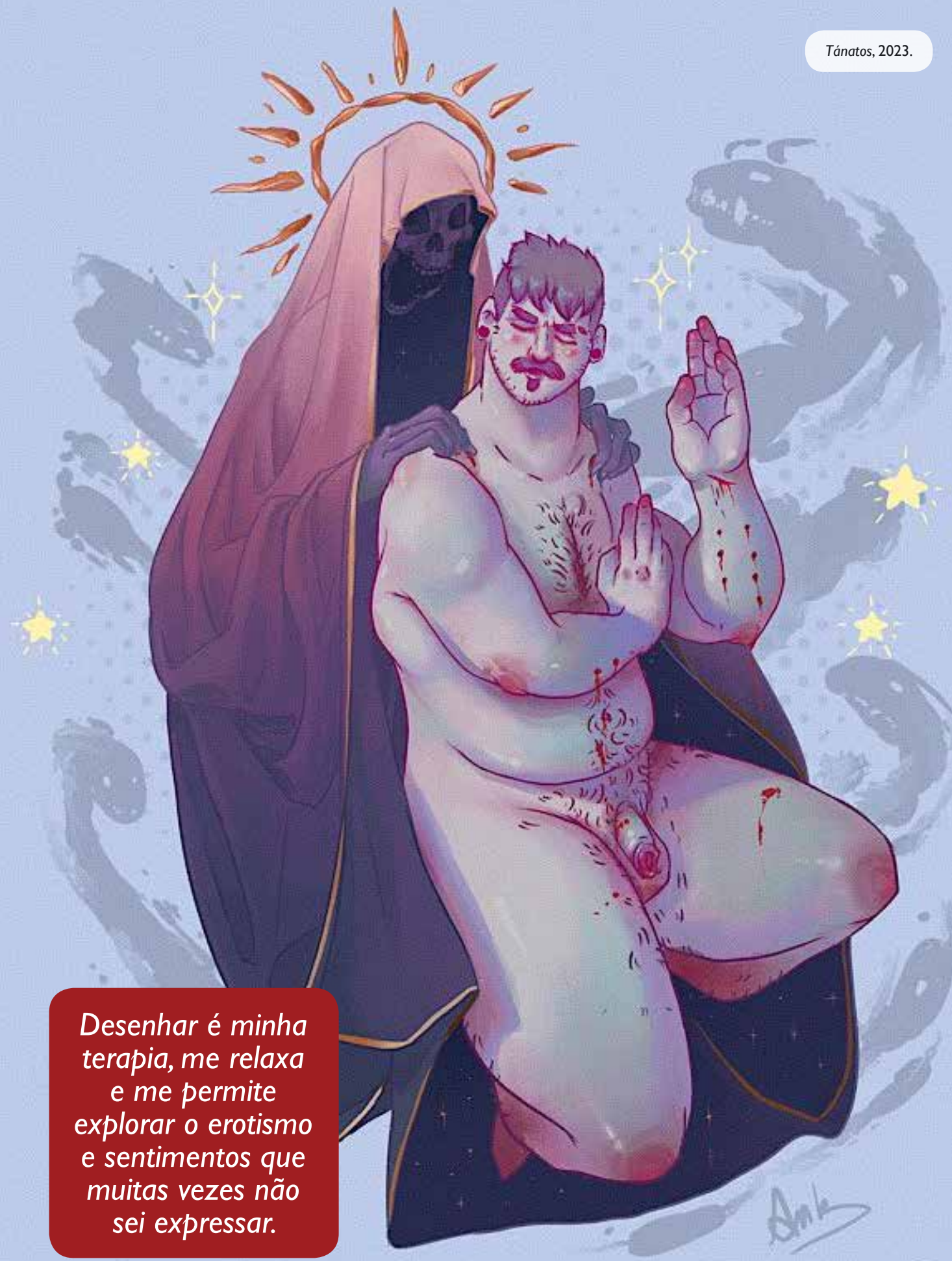


O homem e a serpente, 2024.

O homem das máscaras, 2021.



O homem e a máscara, 2022.



Desenhar é minha terapia, me relaxa e me permite explorar o erotismo e sentimentos que muitas vezes não sei expressar.

Dieter geralmente usa fotografias fornecidas pelos modelos - amigos, encomendas ou referências da internet - que o ajudem a alcançar uma representação natural e autêntica em uma mistura de cores, composições e sentimentos. Tem o interesse em destacar os pêlos e o pênis das figuras masculinas porque acredita que respeitar a natureza desses aspectos em um contexto de tabus e censuras é uma dificuldade fundamental que indica as habilidades de um artista.

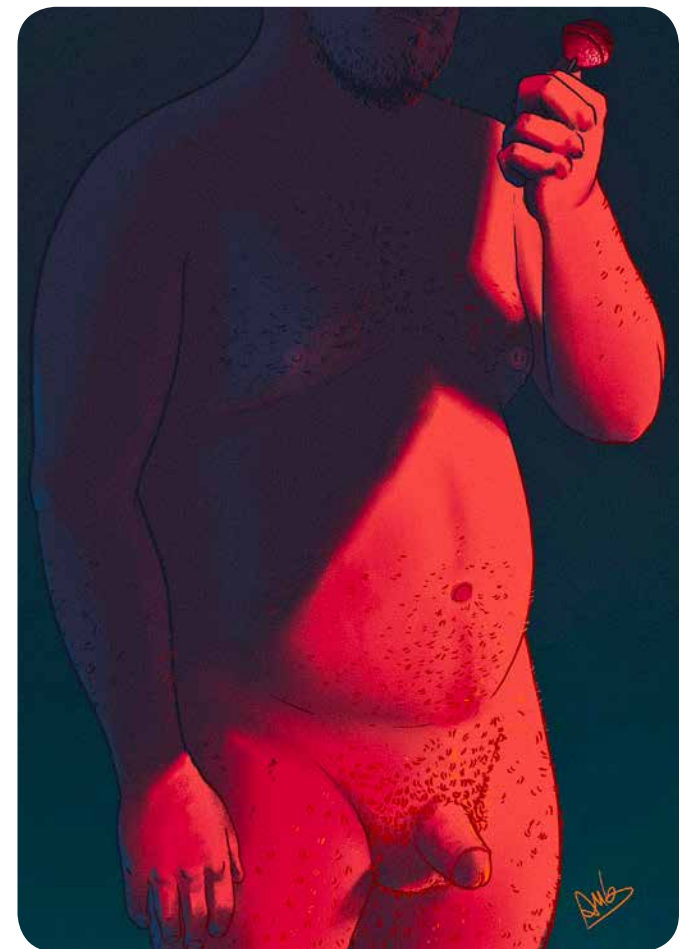
Nosso pênis fica flácido mais de 90% do tempo. Essa é a nossa maneira mais natural, porém, geralmente, motivo de vergonha. Por isso, gosto de explorar essa naturalidade para quebrar estigmas preconcebidos de que masculinidade é sinônimo de pênis ereto.



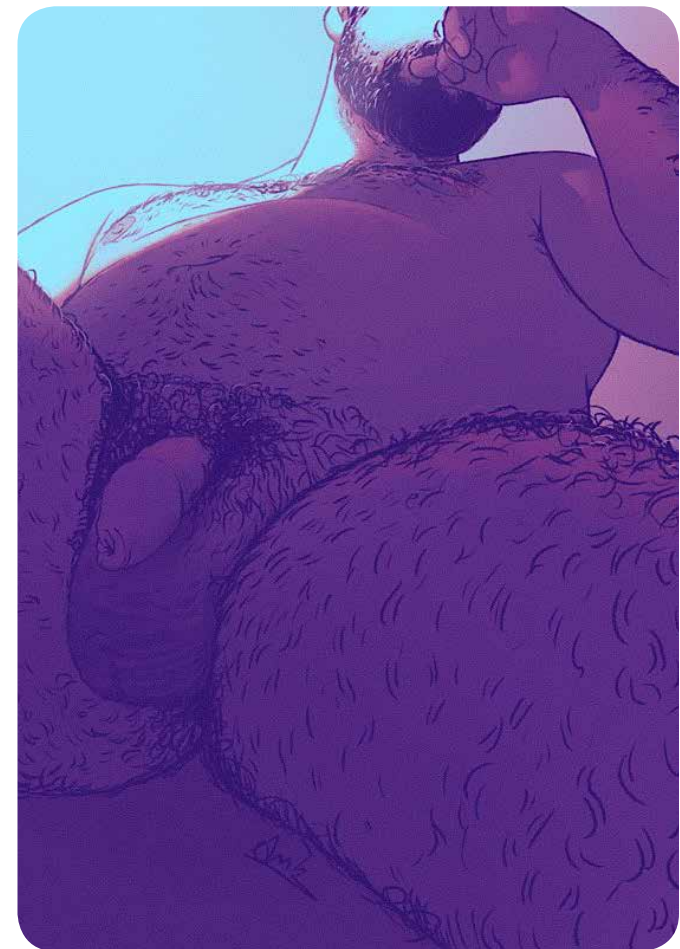
O garoto do skatepark, 2023.



DDR, 2023.



Vermelho, 2021.



O garoto roxo, 2023.

A tarde de calor, 2021.



O conforto, 2021.





Sirius A e Sirius B, 2022.



O rapaz e seu interior, 2023.



Claro que o artista sabe das dificuldades que enfrenta ao produzir um conteúdo com nuances eróticas, uma vez que as redes sociais amplificaram as pressões sociais, os discursos de ódio e a obsessão por perfeição. Apesar da boa recepção que seus desenhos costumam ter, Dieter nunca se identificou totalmente como artista (embora se descreva assim às vezes), pois entende que este rótulo transcende o tempo, perdura e é reconhecido como tal pelos outros. Prefere pensar que se permanecer fiel a si mesmo, desafiando-se para superar seus próprios medos e preconceitos, conseguirá um dia atingir esse status tão cobiçado. **8=D**



Falo de História

por Nívea Braga

Keith Vaughan

1912-1977

*Nono Conjunto de Figuras (Eldorado
Banal)*, óleo sobre tela, 1976.



Através de seus 61 diários – publicados de forma selecionada em 1966 e de forma mais extensa em 1989, após sua morte –, o pintor, designer e escritor britânico **John Keith Vaughan** (1912-1977) pode ser melhor conhecido pelo grande público.

Nascido em Selsey, em West Sussex, filho de Eric George Story Vaughan, um engenheiro civil, e sua esposa Gladys Regina Marian Mackintosh, frequentou a escola do Christ's Hospital, onde sofreu intensamente com bullying. Sua sorte foi ter sido encorajado pelo diretor da instituição que percebeu o evidente interesse do menino pelas artes visuais. De maneira autodidata, começou a estudar as obras dos grandes mestres e a técnica de pintura a óleo.

Ao deixar a escola, Vaughan foi contratado pela Lintas, uma agência de publicidade da Unilever, onde trabalhou de 1931 a 1938 e adquiriu algum conhecimento sobre forma e composição. Fez amizade com o artista australiano John Passmore (1904-1984), que também trabalhava na agência, e passavam o tempo juntos pintando, ouvindo música e apreciando balé.

Deixou a agência em 1939 para pintar em tempo integral e iniciou a escrever seus diários. Ainda, interrompeu sua arte por conta da eclosão da Segunda Guerra Mundial. Vaughan registrou-se como “objeto de consciência” (ou seja, reivindicou seu direito de não servir na guerra) e ingressou na St. John Ambulance, porém, acabou sendo recrutado para o Corpo de Não-Combatentes junto ao pintor John Minton (1915-1957). Trabalhou como escriturário e intérprete alemão em um campo de prisioneiros, e conheceu os pintores Graham Sutherland (1903-1980) e John Craxton (1922-2009), que também serviam.

Pela falta de tempo para pintar durante a guerra, combinava aquarela, guache, caneta, tinta e cera com um resultado visual adequado à decadência em que vivia. Chegou a realizar sua primeira exposição de desenhos na Reid and Lefevre Gallery, de Londres, em 1942, e a participar de uma exposição sobre arte da guerra na National Gallery.

Em 1945, Vaughan ficou impressionado com obras de Pablo Picasso e Henri Matisse exibidas no Victoria and Albert Museum. Fascinado pelos estudos cubistas, Vaughan chegou a escrever em seu diário que Cézanne o afetou “de forma total, quase física”.

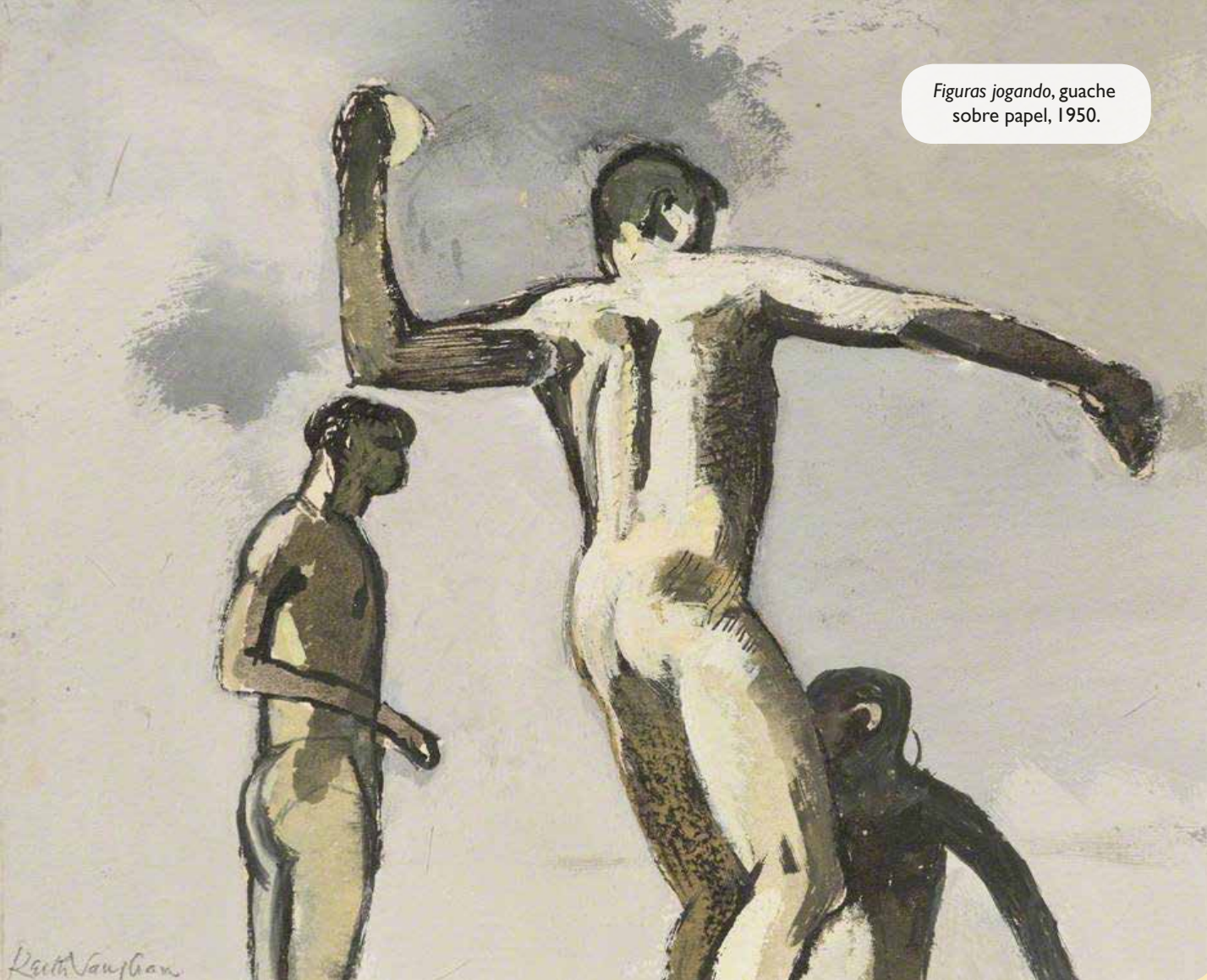
Após o fim da guerra, passou a trabalhar meio período como professor de ilustração na Camberwell School of Art (1946-48) e também como ilustrador para a editora



Figura em cemitério, impressão em relevo sobre papel, 1948.



Estudo de modelo nu, grafite e carvão sobre papel, 1932.



Figuras jogando, guache sobre papel, 1950.

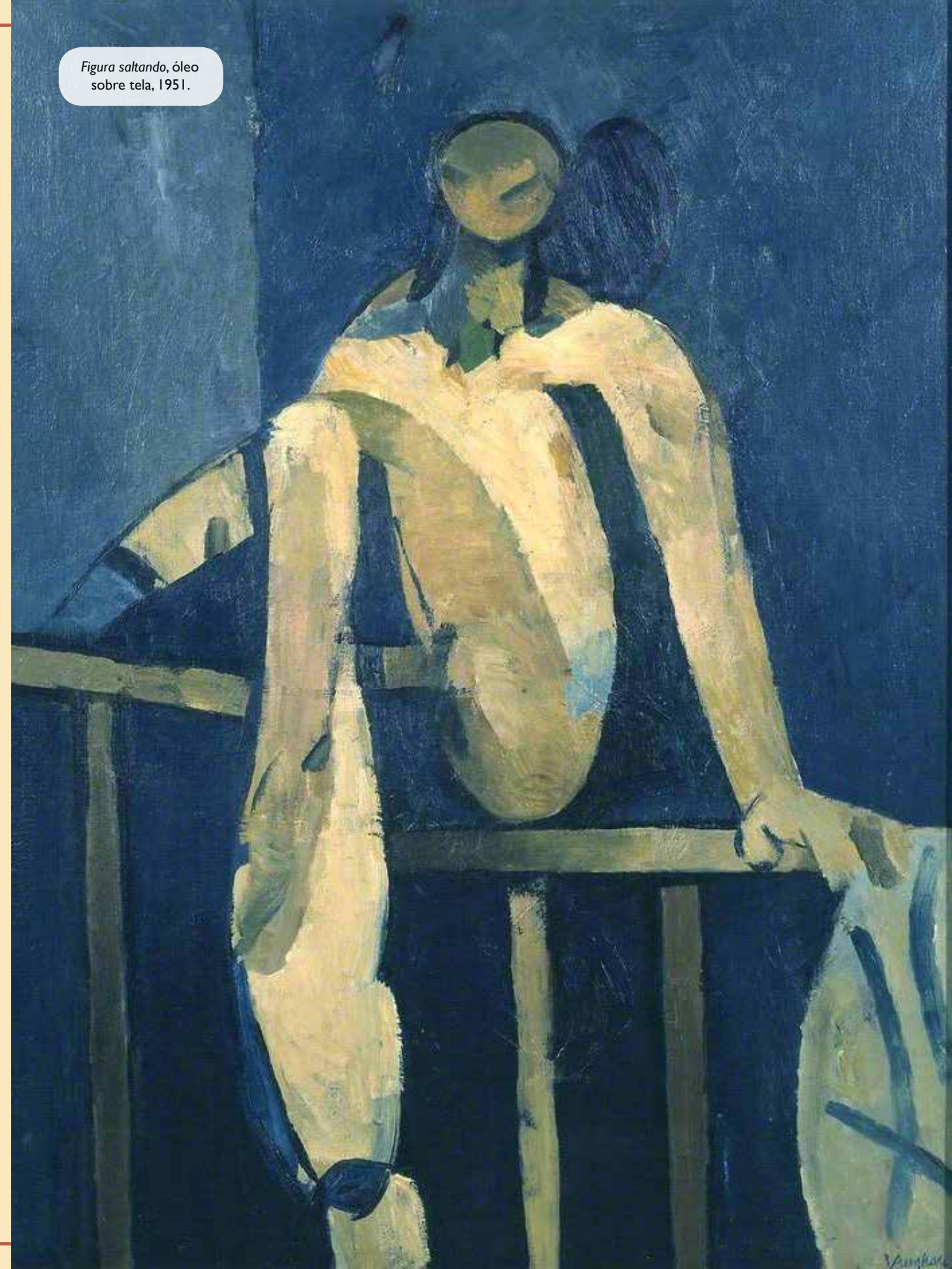
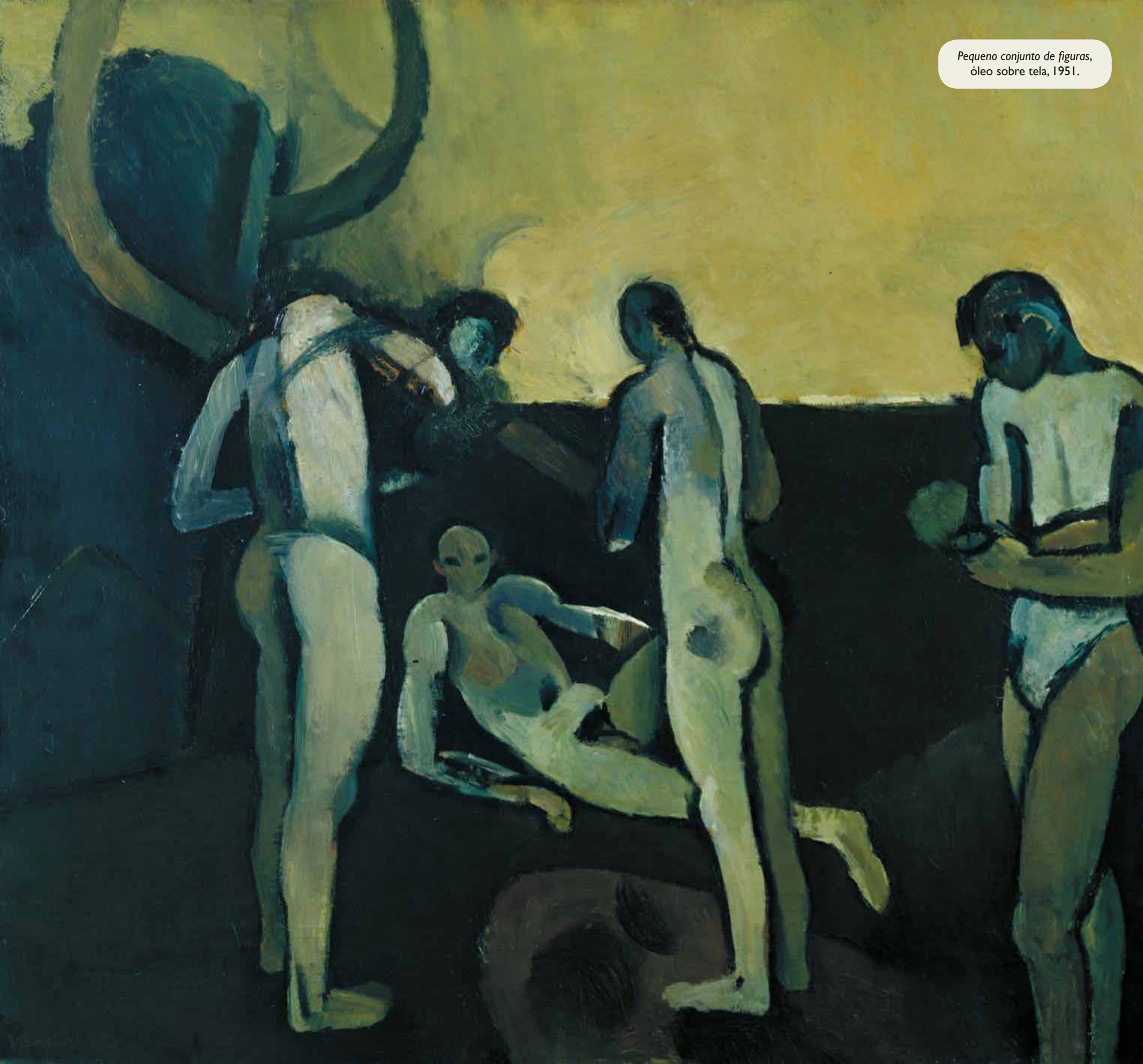


Figura saltando, óleo sobre tela, 1951.

Hogarth Press, para o poeta John Lehmann (1908-1987), entre outros. Dividindo o estúdio com Minton, Vaughan voltou a pintar paisagens oníricas povoadas por figuras tensas e ágeis, inspiradas no balé que tanto admirava. Ambos fizeram parte do círculo neo-romântico que floresceu durante a guerra, combinando o pastoralismo idílico com uma sensação romântica de que o mundo natural ameaçava a humanidade.

Lecionou na Central School of Art de 1948 a 1952. Um de seus alunos, Ramsey McClure, veio a se tornar seu amante e companheiro de vida. Apesar do relacionamento complicado, McClure proporcionava alguma estabilidade interna para Vaughan. Em meados da década de 1960, passaram a viver separados.

Em 1953, Vaughan descobriu a obra de Nicolas de Staël e se dedicou à explorar uma fusão de arte figurativa e abstrata geométrica para desenvolver um estilo particular que, conseqüentemente, o afastou do neo-romantismo e o destacou na pintura britânica. Ele confessou acreditar estar em descompasso com seu tempo, encontrando similitudes em “Auden, Beethoven, Cézanne, mas em nenhuma pessoa viva”. Vale dizer que o artista nunca se viu como um artista completamente abstrato, pois considerava que “a pintura que não contém um elemento representacional dificilmente vai além do design”.



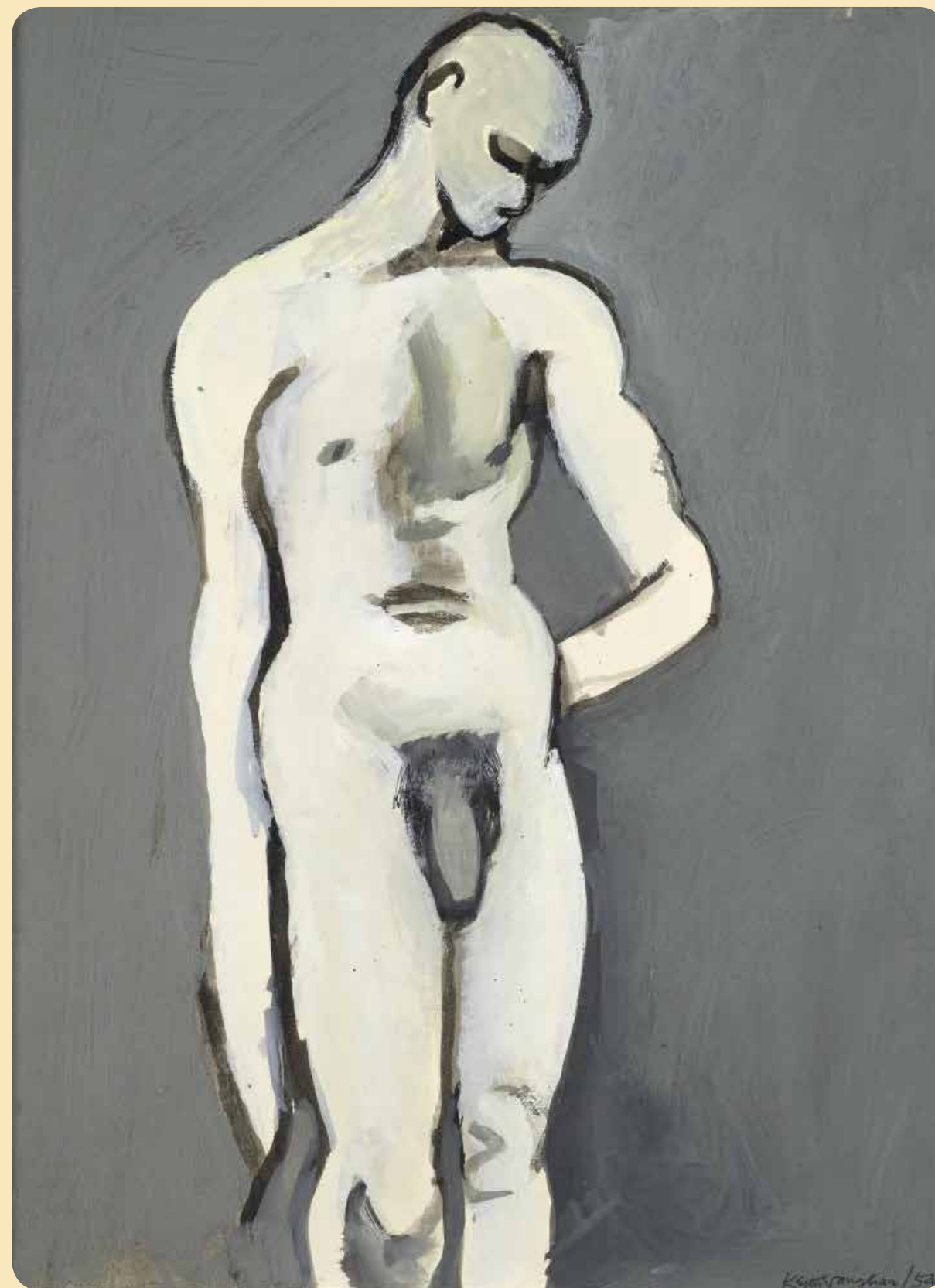
Pequeno conjunto de figuras,
óleo sobre tela, 1951.

Uma das ações artísticas de Vaughan foi a inversão do gênero no clássico tema de banhistas, tão frequente nas obras de Cézanne e Picasso: ao invés de mulheres, o artista pintou homens nus. O tema do nu masculino era frequente, uma forma possível de lidar com as frustrações de suas fantasias homossexuais. Construía suas figuras nuas como duras e suaves, geométricas e orgânicas que careciam de quase todos os detalhes e davam poucos insights sobre a personalidade individual ou mesmo narrativa sexual. Esta imagem universal do homem tornou-se um veículo para a expressão das suas emoções, de uma solidão pungente.

As anotações de seu diário nessa época revelam sua raiva e luta contra as injustiças de ser um homem gay vivendo em uma época em que as relações entre homens do mesmo sexo ainda eram criminalizadas. O historiador e curador Ian Massey considera que todo o trabalho paisagístico de Vaughan é, na verdade, “uma metáfora tanto para o corpo físico como para a sua ausência”. O próprio artista escreveu:

Estas composições baseiam-se na suposição – talvez difícil de justificar, mas nem por isso menos real para mim – que a figura humana, o nu, ainda é um símbolo válido para a expressão das aspirações e reações do homem à vida do seu tempo.

Banhistas verdes,
óleo sobre tela, 1952.



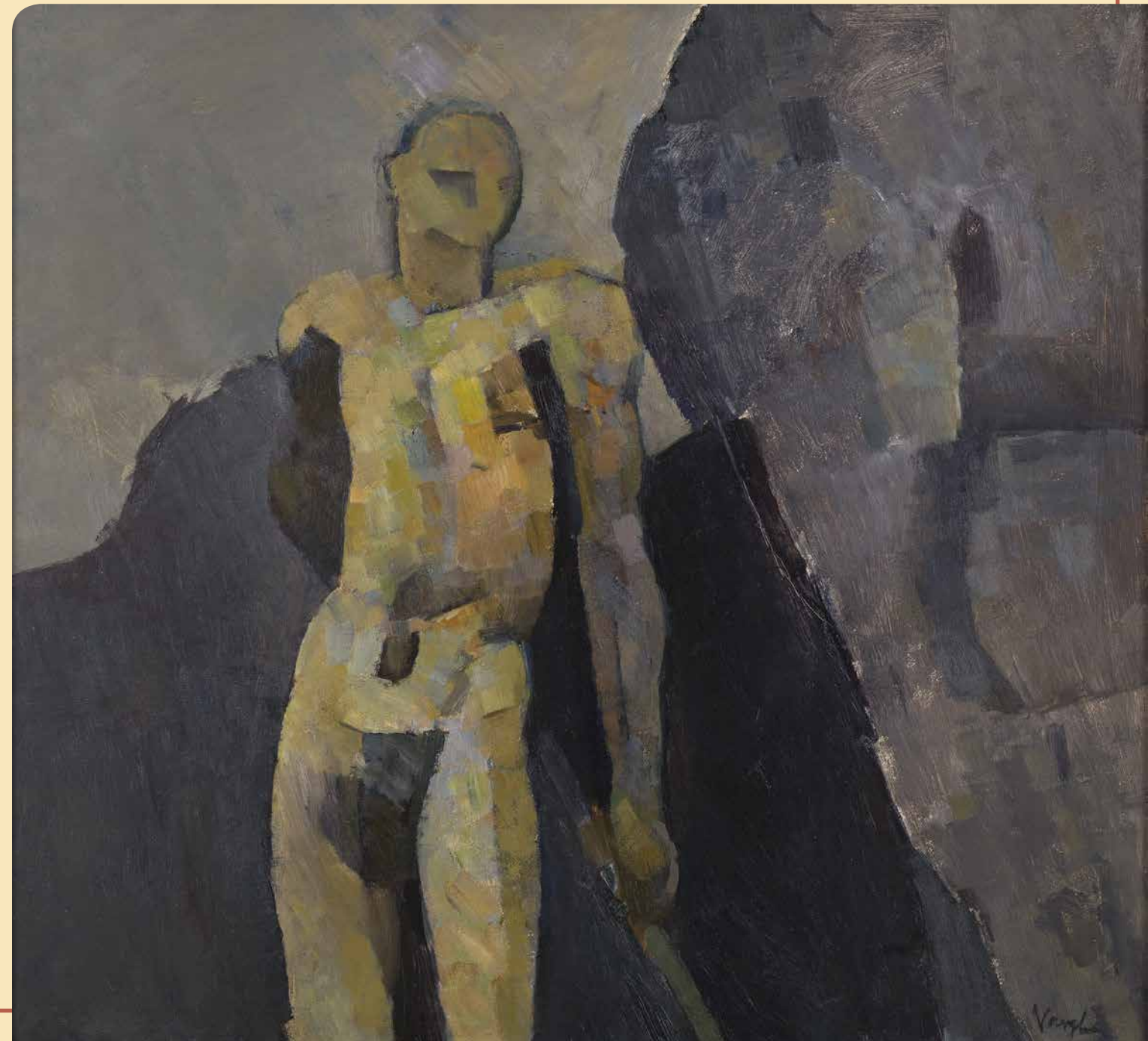
Banhista cinza, guache sobre papel, 1954.



A reputação de Vaughan atingiu o auge em meados da década de 1950, com constantes convites para expor. O poeta Stephen Spender (1909-1995) escreveu a introdução do catálogo de uma exposição retrospectiva de sua obra na Hatton Gallery, em Newcastle, 1956, e o crítico e historiador da arte Alan Bowness (1928-2021) o chamou de “o notável pintor inglês da sua geração”. O Relatório Anual do Comitê de Galerias e Museus de Arte (1960-1961) no Reino Unido relatou:

Este artista é único em sua capacidade de expressar, em um idioma completamente moderno, uma resposta emocional e intelectual ao homem nu bastante comum na Renascença, mas surpreendente em meados do século 20.

Nu nas pedras, óleo sobre madeira, 1957.



Acima, *Paisagem com dois banhistas (O mergulhador)*, óleo sobre madeira, 1954.
Ao lado, *Quarto Conjunto de Figuras*, óleo sobre tela, 1956.



Costa com banhista, óleo sobre madeira, 1958.



O banhista, óleo sobre madeira, 1960.



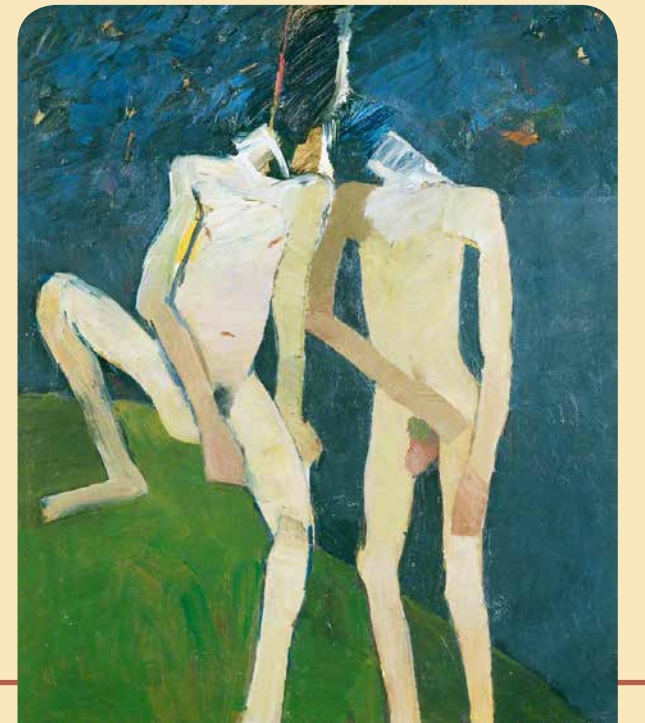
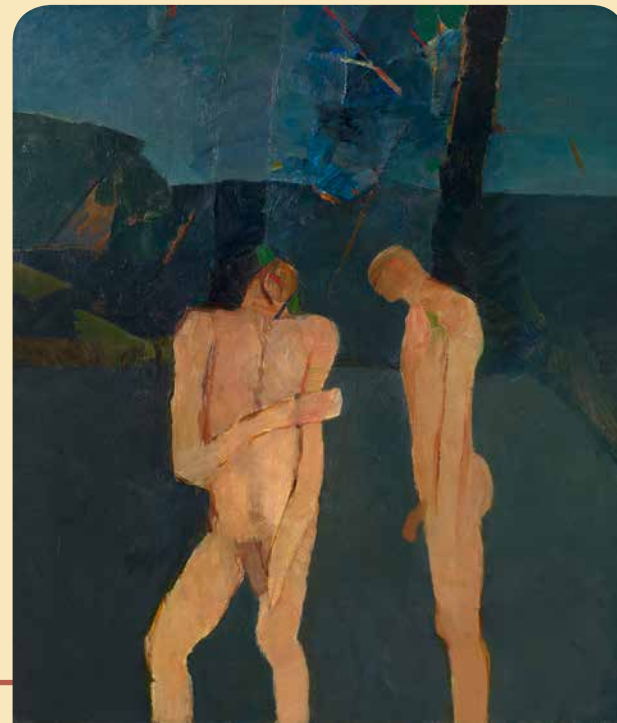
O banhista, óleo sobre tela, 1960.



Abaixo, *Figura caminhando* (óleo sobre painel, 1958) e *Figura em pé* (óleo sobre tela, 1960).



Abaixo, *Dois banhistas na piscina* (óleo sobre painel, 1968) e *Banhistas no banco verde* (óleo sobre papelão, 1972).



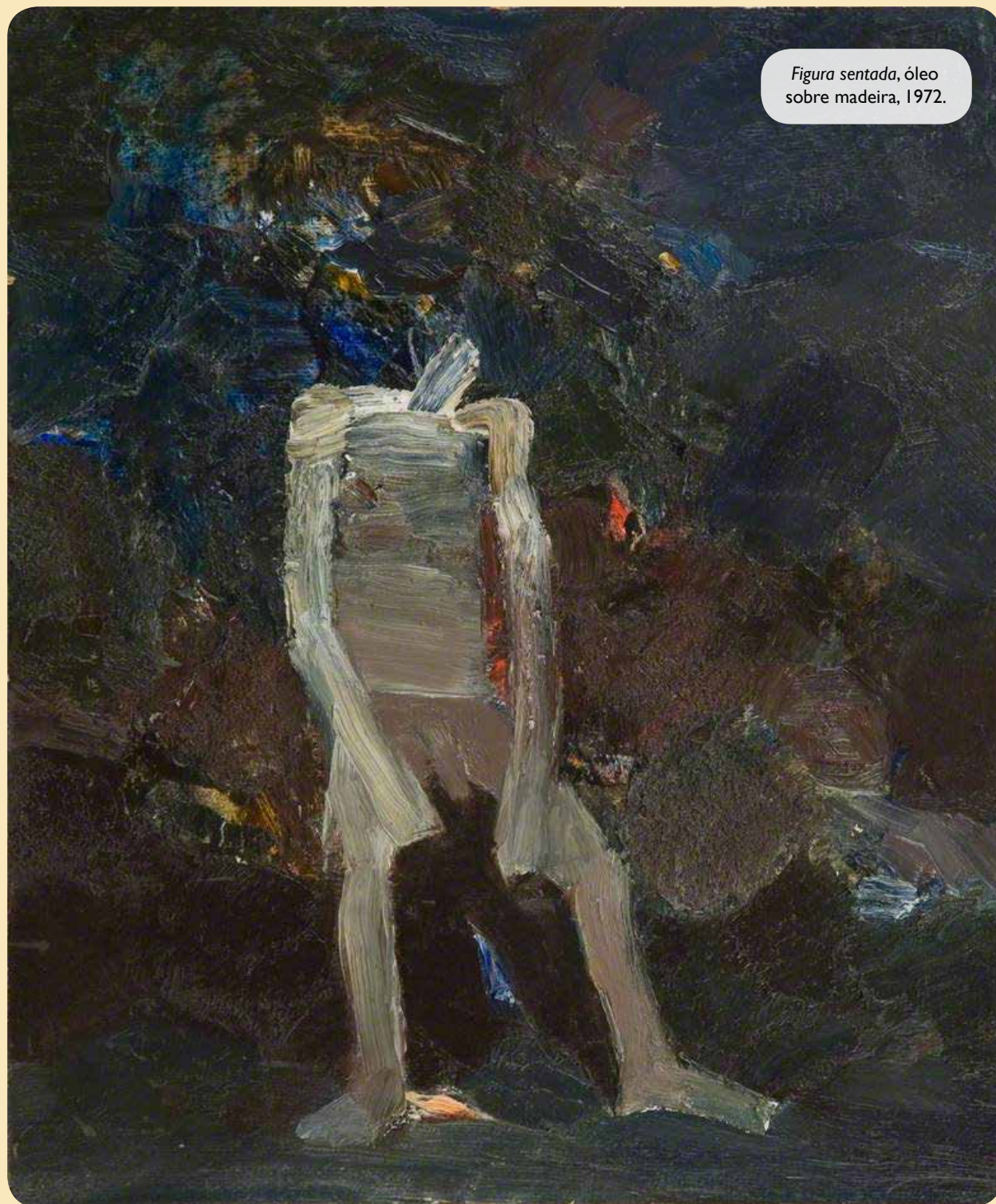


Figura sentada, óleo sobre madeira, 1972.

Se Vaughan nunca alcançou a estatura dos mestres modernos que tanto admirava, certamente aprendeu suas lições e as tornou suas.

Adrian Hamilton, *The Independent*



Acima, *Duas figuras* (óleo sobre tela, 1966) e *Paisagem com figura sentada* (óleo sobre madeira, 1964). Abaixo, Vaughan em seu estúdio, 1963 (foto: Jorge Lewinski).



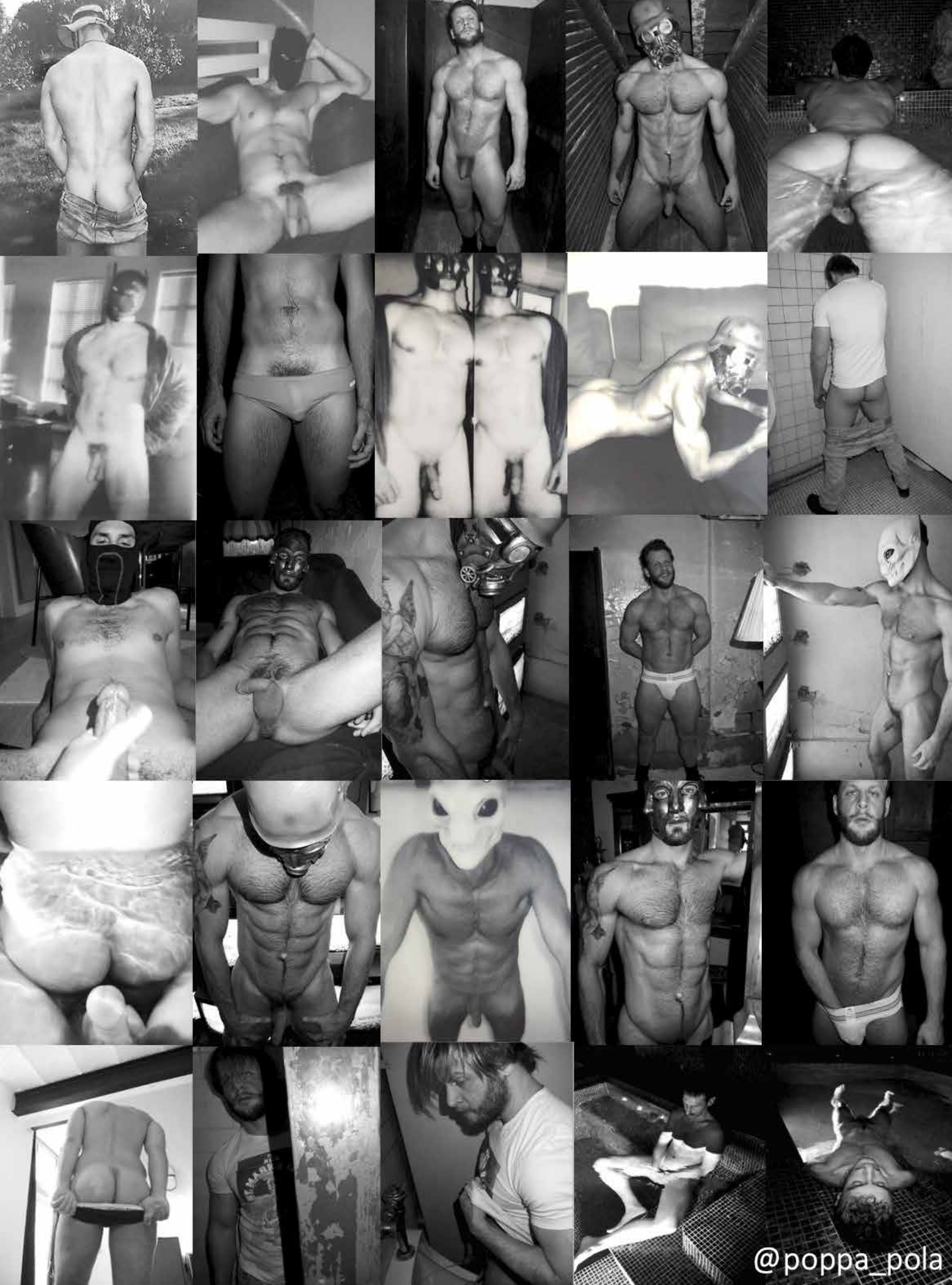
Em 1957, tornou-se professor visitante na Slade School e, no ano seguinte, Vaughan fez residência de seis meses na Iowa State University. A América o entusiasmou e inspirou, e ele terminou sua residência com uma viagem ao México. No retorno, foi diagnosticado com depressão, uma doença que o perseguiu pelo resto da vida e o levou ao abuso de álcool e outras substâncias.

Durante a década de 1960, Vaughan visitou várias vezes a Grécia. A experiência de navegar pelas ilhas gregas teve um efeito profundo na sua pintura de paisagem e obras gestuais à carvão. Em 1962, teve uma grande retrospectiva na Whitechapel Gallery e, em 1964, foi nomeado membro honorário do Royal College of Art. No ano seguinte, recebeu a Ordem do Império Britânico como comendador, gratificando suas contribuições para as artes, e tirou férias no Norte de África, com grandes repercussões no trabalho subsequente.

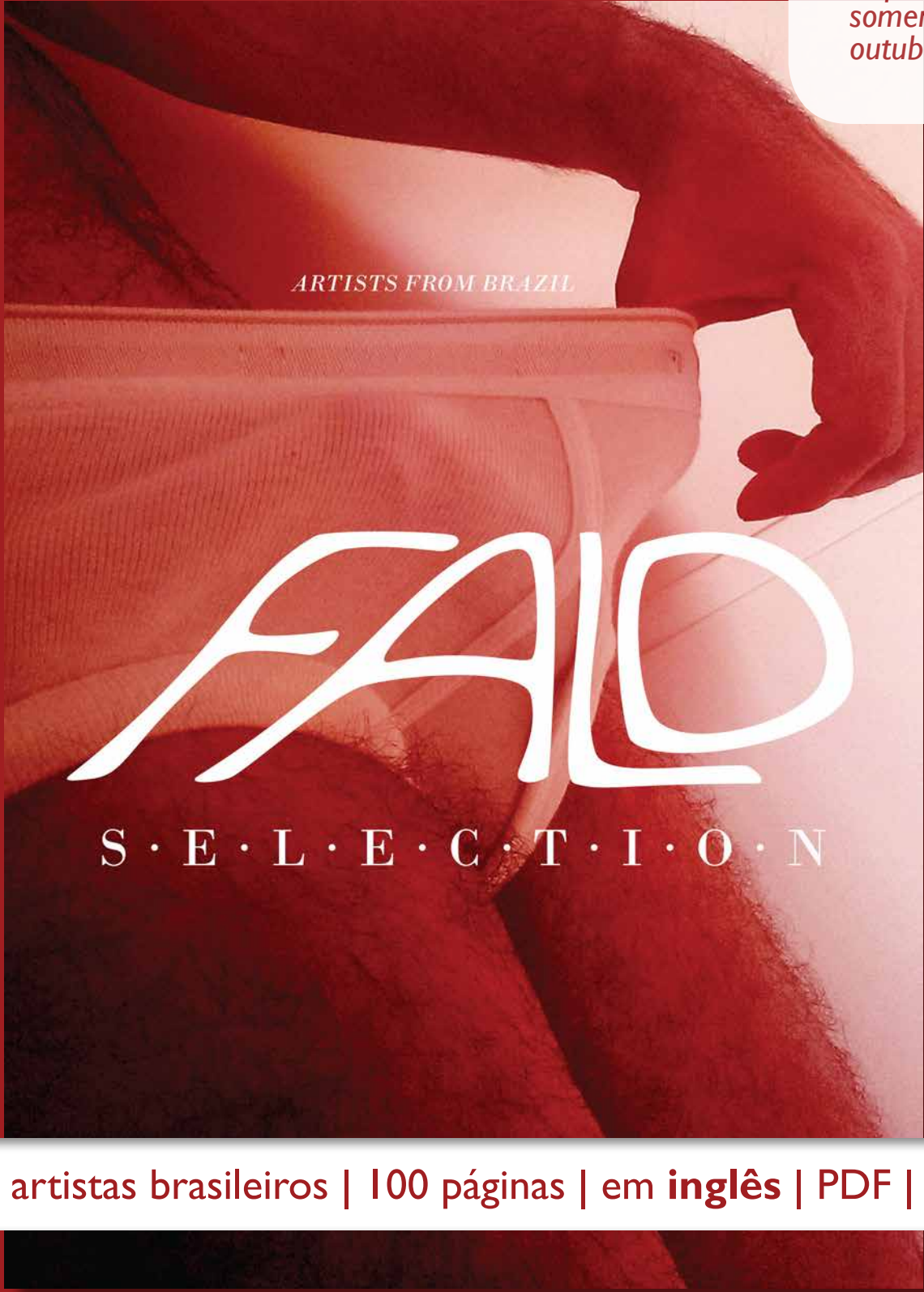
Suas diversas atividades lhe trouxeram sucesso crítico e financeiro, mas ele sentia profunda insegurança em relação ao seu trabalho e ao seu papel na vida, como revelam seus diários. Aliás, além de conter muitos comentários perspicazes sobre arte, seus diários oferecem um relato notavelmente franco (e, muitas vezes, divertido) de suas atividades homossexuais e masturbatórias, bem como de sua luta contra o câncer de intestino (diagnosticado em 1975) que o deixou melancólico e recluso. Registrou, inclusive, seus últimos momentos quando, após uma noite com amigos íntimos e despedidas veladas personalizadas, ingeriu uma dose letal de barbitúricos em novembro de 1977:

É uma manhã ensolarada. Cheia de vida. Uma manhã em que muitas pessoas morreram...

Vaughan procurou levar o modernismo europeu à arte britânica. Para ele, seu desejo e libido estavam no centro de seu trabalho e, por isso, mesmo com tanta notoriedade em vida, ainda hoje existe um desconhecimento sobre sua produção. **8=D**



disponível
somente até
outubro/24



9 artistas brasileiros | 100 páginas | em inglês | PDF | \$

Envie mensagem para falonart@gmail.com para saber como adquirir.

@poppa_pola

Richard Poulin é um premiado designer, educador altamente respeitado, autor de vários livros e artista visual, dividindo o seu tempo entre a prática profissional e a academia. Há vários anos tem construído colagens de mídia mista que celebram suas paixões e dores, alegrias e perdas, a alma e as experiências como homem gay.

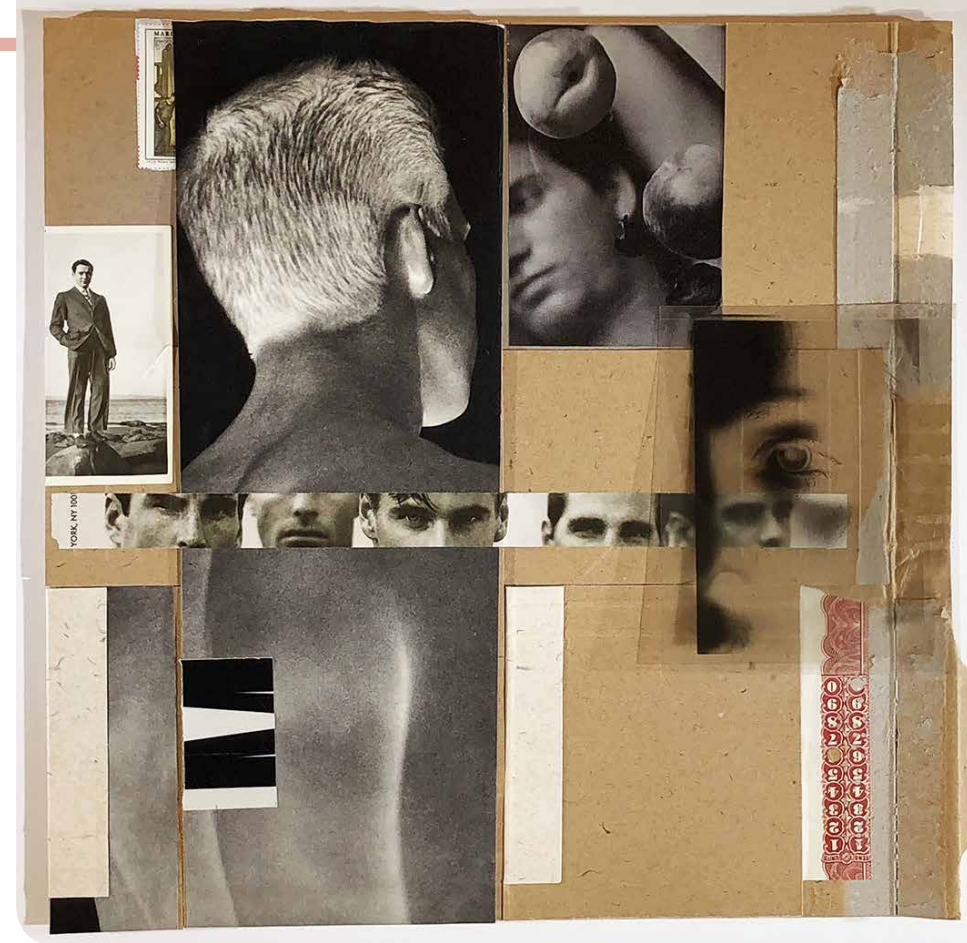
Vê seu processo criativo como uma parte natural, orgânica e integrante de sua vida. Assim, a forma masculina sempre foi uma fonte importante, se não primária, de inspiração. No entanto, a nudez frontal não é uma força motriz e sim parte de uma narrativa.

A forma masculina nua representa a beleza, a força, a sexualidade e o espírito humano. Portanto, é um elemento visual essencial no meu trabalho.

Em seus painéis de compensado de bétula de 12 x 12 polegadas, Poulin aglomera fotografias, impressos efêmeros e correspondências que colecionou nos últimos quarenta anos, com inspiração nos trabalhos de artistas modernistas e de vanguarda, como Kurt Schwitters (1887-1948), Hannah Höch (1889-1979) e Joseph Cornell (1903-1972).

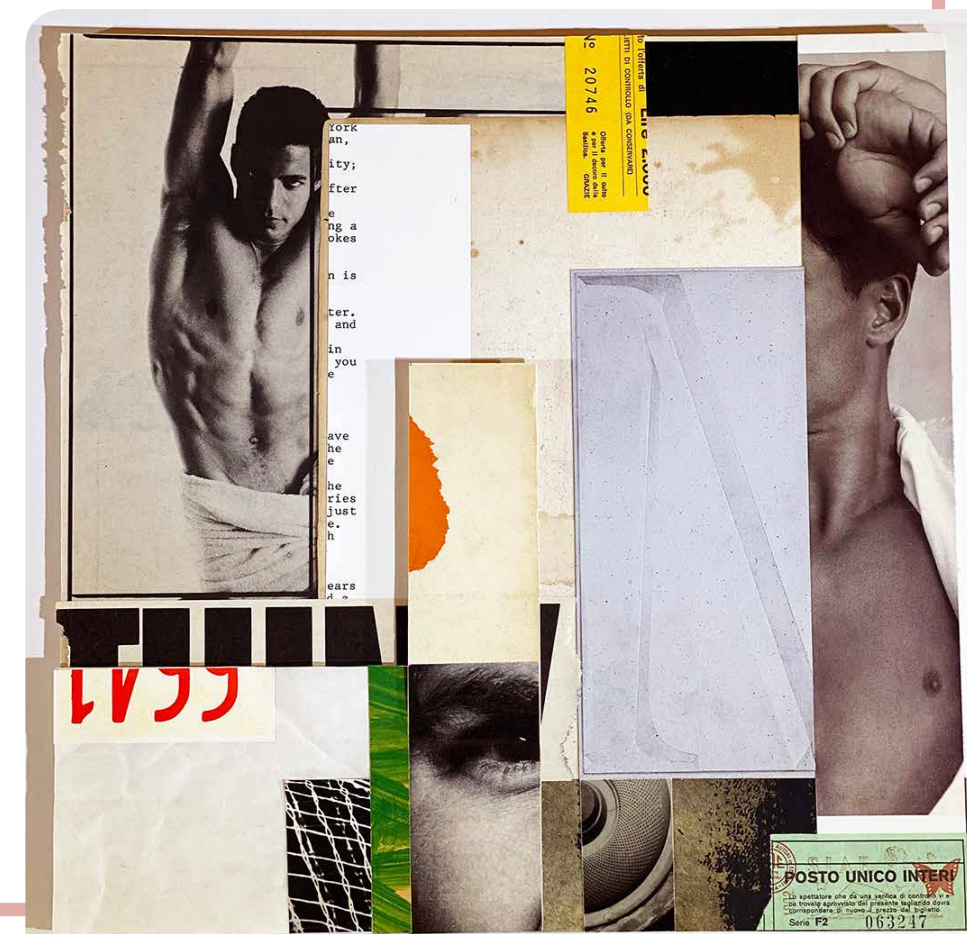
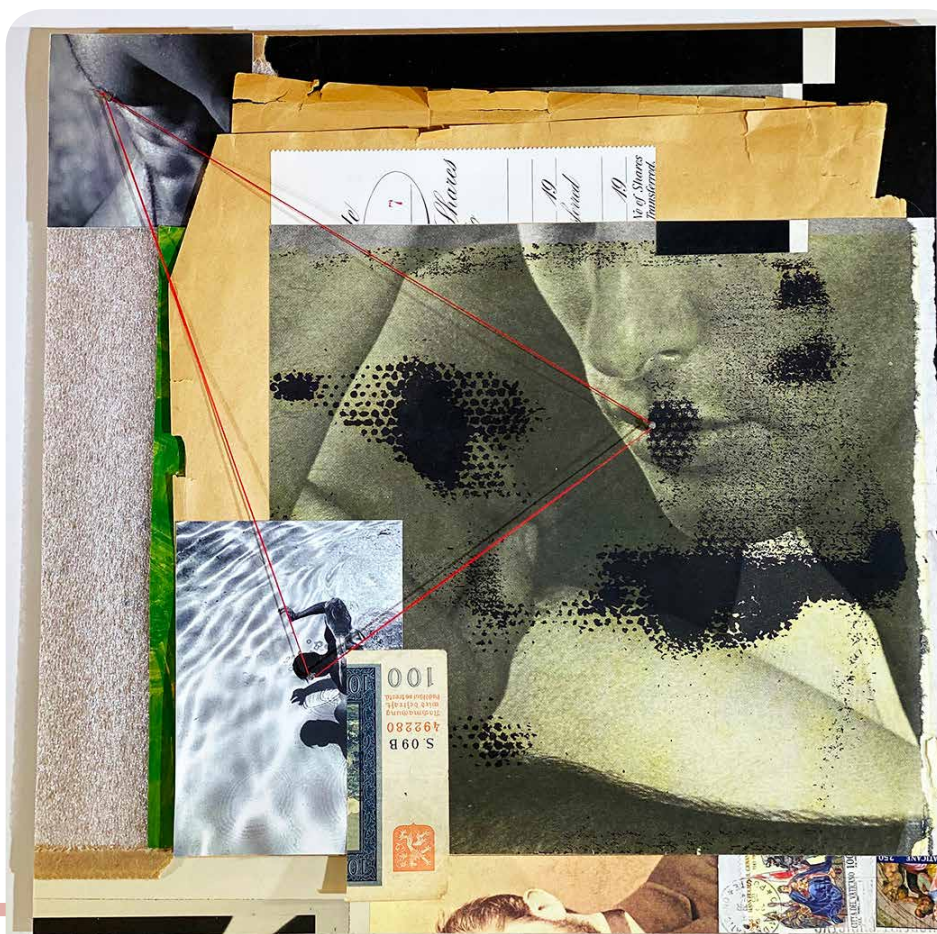
8=D

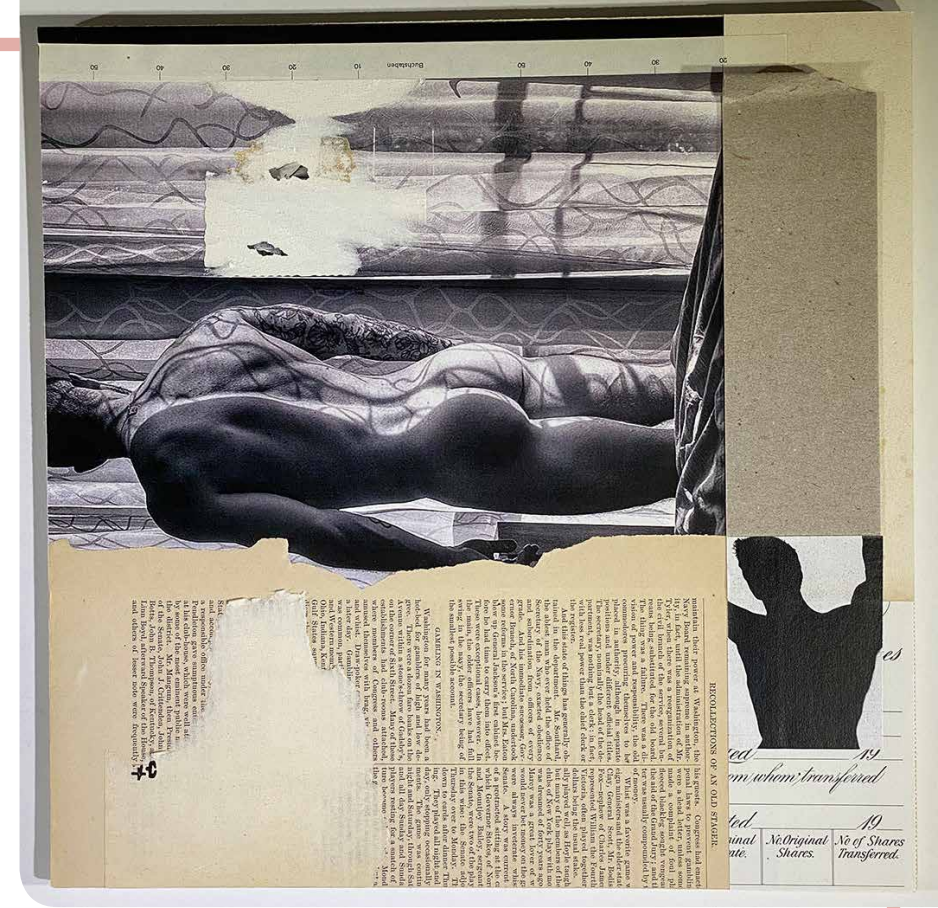




Acima, Anseio, Saindo do armário e Dor e Prazeres, todos da série Ensaio Visual: Singularidade Elementais I.

Abaixo, Necessidades fundamentais, Amor, luxúria e desejo e Fatos ocultos, todos da série Ensaio Visual: Singularidade Elementais II.

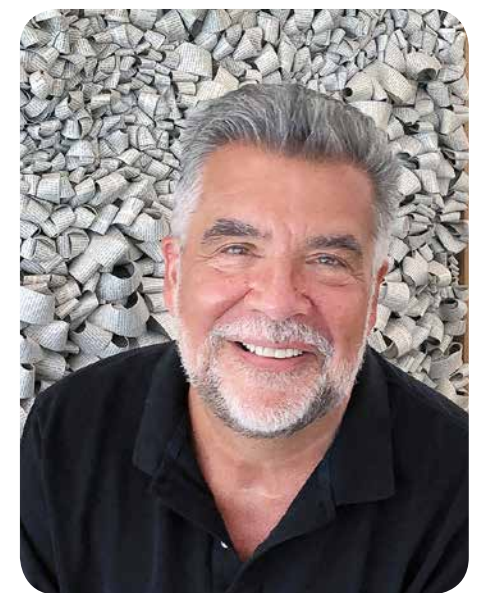




Acima, Luz e Sombras, da série *Diálogos Monocromáticos*.

Ao lado, Os rituais dos homens, da série *Ensaio Visual: Singularidade Elementais I*.

Abaixo, o artista.



A fotografia sempre fez parte da trajetória nômade do publicitário **Felipe Fontoura**. Do analógico ao digital, vem desenvolvendo projetos que revelam ao mundo questões pessoais que tem vontade de explorar como denúncia, protesto ou simplesmente para quebrar regras e valores.

Na imagem do corpo masculino encontra a beleza, o desejo e a inspiração. Seu primeiro trabalho em série foi no início dos anos 90, com o projeto “O” (artigo masculino), onde homens personificavam palavras masculinas. Em “Entre Laços e Tutus”, bailarinos pretos em figurino feminino de ballet clássico traziam questionamentos sociais, raciais e artísticos. Já “Cara de homem” retrata fisionomias masculinas, enquanto “Ilumina” registra pessoas pretas. A nudez aparece de forma natural (“acho maravilhoso, libertador”) em vários outros projetos autorais:

É preciso se libertar de tabus. Claro que um pau duro é mais impactante, mas existem membros belíssimos em repouso. Há beleza nos pêlos, na bunda empinada e na bunda murcha, tudo depende da emoção que a imagem é capaz de transmitir.

8=D



Acima, *O conteúdo* e *O chocolate*, da série *O*, 2011. Ao lado, fotos da série *Entre Laços e Tutus*, 2012.





Fotos da série *Estudai os corpos humanos*, 2017.





Acima, *O corpo salta – posição atômica 1 e 3*, da série *Átomen*, 2019.

Ao lado, fotos da série *Homem em quadros*, 2019.

Abaixo, o artista.



Atraído por questões relacionadas com a nossa cultura de vigilância, direitos humanos e controles estatais sobre as liberdades individuais, **Glenn Ibbitson** recorre à forma humana e ao seu poder interpretativo para expressar ideias de isolamento, opressão e resistência. Busca destacar a situação daqueles que não têm espaço na sociedade, os perseguidos pelas suas crenças, suas políticas e seus estilos de vida, ou que simplesmente não se enquadram em nenhum dos modelos de sociedade.

Ibbitson entende o corpo masculino como uma estrutura muscular mais útil às suas preocupações estéticas – advindas de seu interesse por quadrinhos de super-heróis. Caso seja necessária, a nudez se torna uma estratégia de narrativa e o pênis é tratado como uma mera parte do corpo e da composição. A série “Remessa”, por exemplo, foi pensada para ser pendurada de qualquer maneira na parede, portanto, a presença de um pênis traria a ação da gravidade e, conseqüentemente, uma posição fixa.

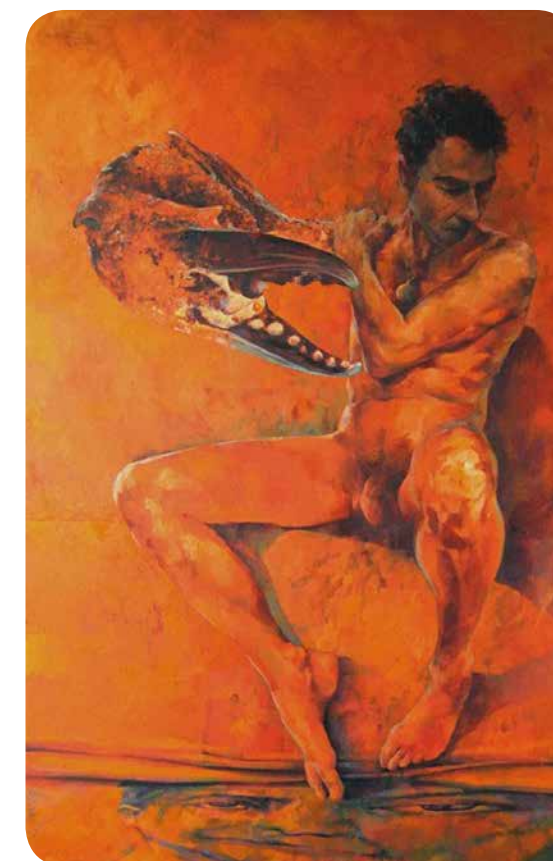
O artista acredita que, se usado corretamente, o palco virtual pode desanuviar as tensões sociais que rodeiam a nudez para criar um ambiente de igualdade em todo o espectro sexual.

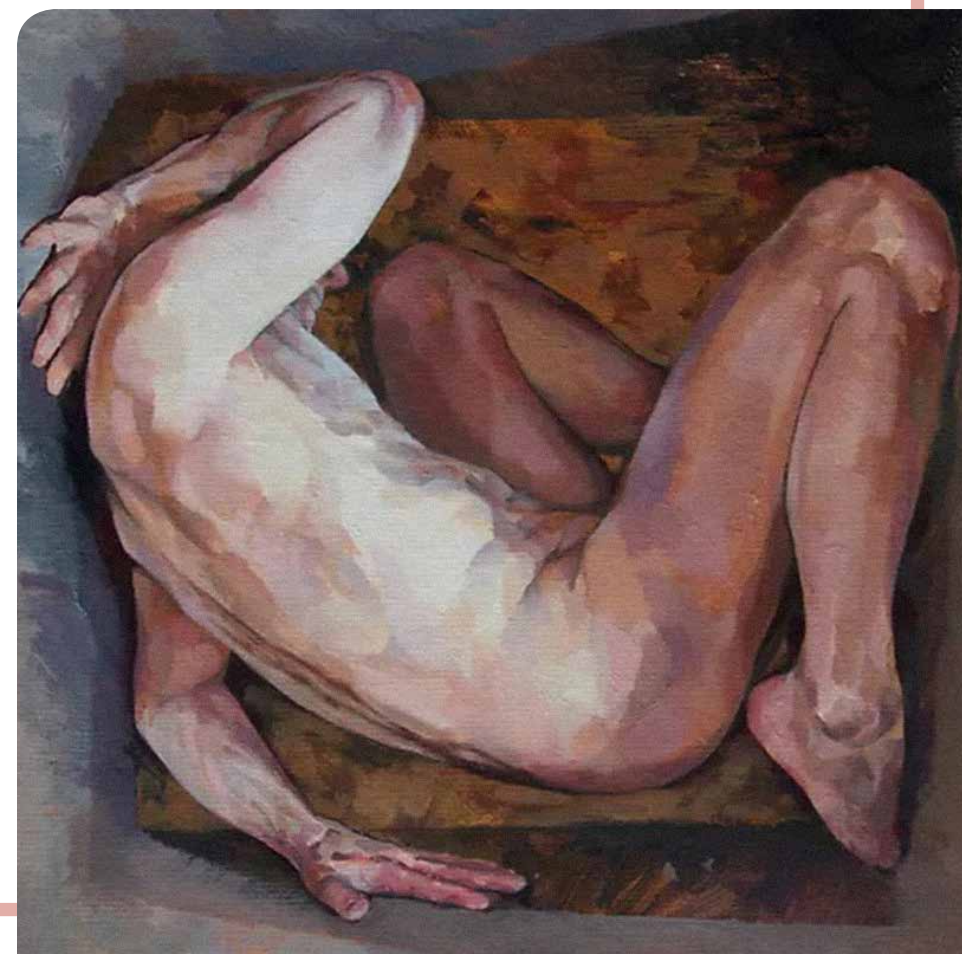
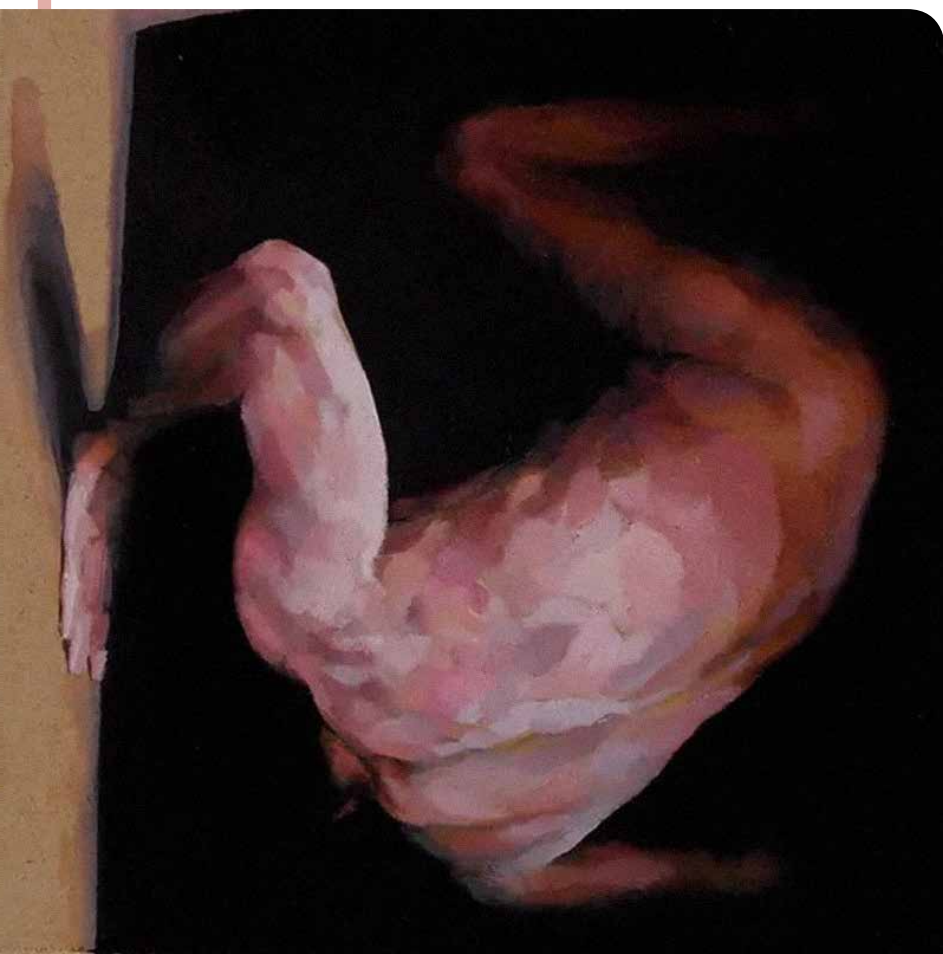
A arte pode ser capaz de reformar a imagem do falo como uma arma balística em um instrumento que dá prazer.

8=D



Acima, *Levitador*.
Ao lado, *O Arqueiro Esmeralda*.
Abaixo, *O Garra*.
Todos óleos sobre tela da série *Fumaça e Espelhos*.







Óleos sobre tela da série *Alvo*.



Óleos sobre tela da série *Código de Barras*.



Inspirado pela diversidade da natureza e da humanidade, o fotógrafo colombiano **David Sierra** descreve-se como uma árvore: “tenho braços e estilos diferentes, trabalho com moda, arte, interiores, comida, etc”. Mas é na beleza masculina que procura descobrir a si mesmo.

Sinto que são momentos eróticos oníricos que me fazem refletir sobre o que sou como pessoa e como animal.

O corpo se apresenta para David como uma força vital que comunica e seduz. Começou fotografando detalhes corporais em busca da naturalidade do observar e explorar. Sejam os olhos, os lábios, os pelos pubianos ou o falo, tudo faz parte do mundo masculino e recebem a mesma atenção. Assim, David vai se encontrando, entre sonhos, sentimentos, imagens e corpos.

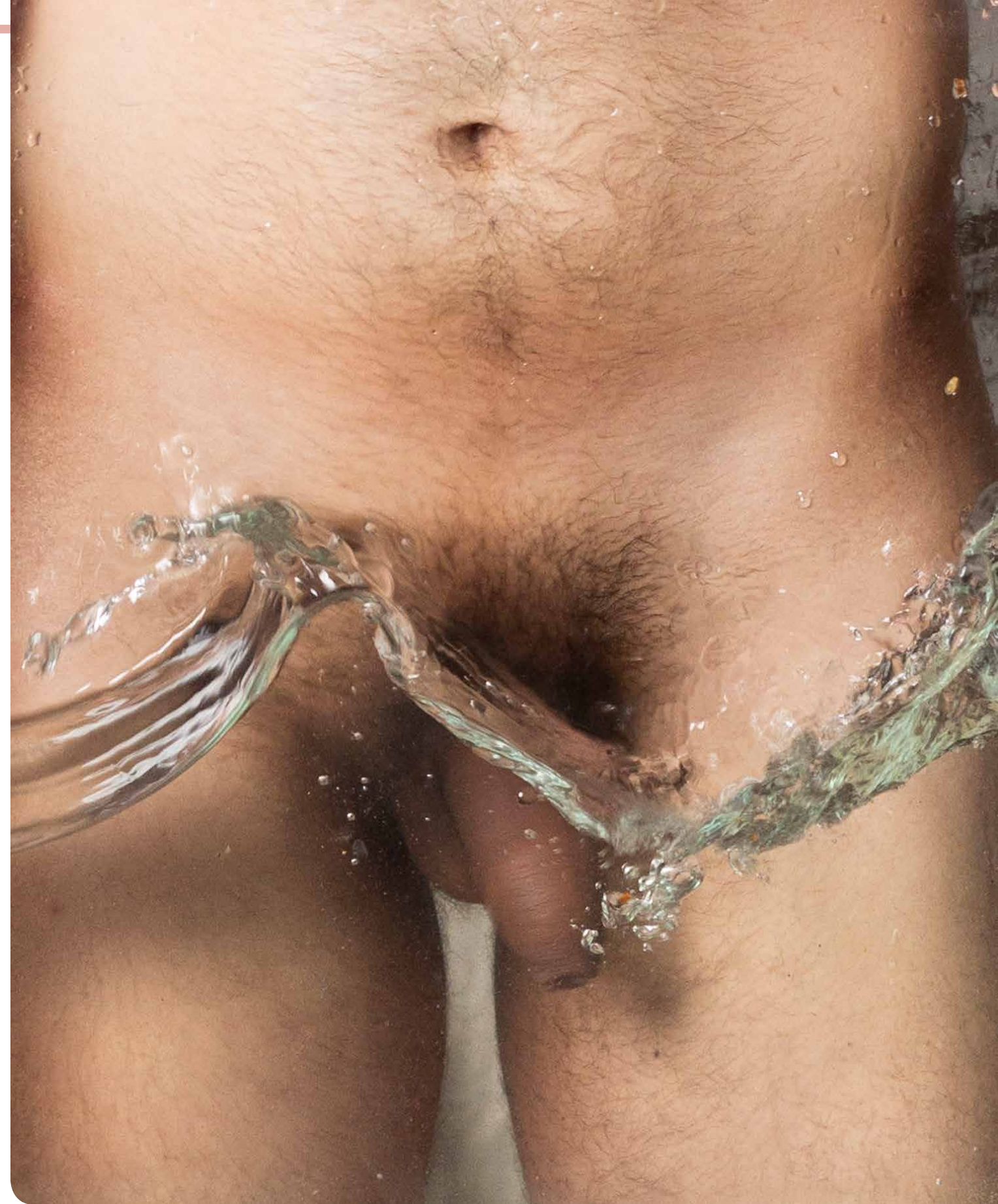
8=D



Autorretrato.







SEJA MAIS.

**ben-
feitoria**

www.benfeitoria.com/falomagazine

A **Falo Magazine** tem por princípio máximo o **conhecimento** livre. Sempre foi pensada de forma **gratuita e online**, onde o alcance poderia ser máximo e atemporal.

O trabalho é árduo. **Uma única pessoa** é o editor, o repórter, o pesquisador, o redator, o tradutor, o revisor, o designer, o assessor de marketing, o gerente de redes sociais, o faxineiro etc etc... sem qualquer ganho financeiro. A vantagem é que o **ganho cultural, social e pessoal são imensuráveis**. Porém, é preciso que a revista seja autossustentável e possa investir em si mesma.

Você já é nosso colaborador somente pelo fato de acessar a revista, as redes sociais e ter chegado até aqui. Caso você queira colaborar para deixar um material de qualidade como legado cultural e social e ainda sentir que são parte da revista, escolha uma das **assinaturas mensais!**

AMIGO DA FALO

R\$10 / mês
agradecimento na Falo

PARCEIRO DA FALO

R\$15 / mês
agradecimento na Falo e spoiler por e-mail

VIP DA FALO

R\$20 / mês
agradecimento na Falo e revista bimestral (capa variante) com antecedência por e-mail

PATRONO DA FALO

R\$50 / mês
agradecimento na Falo, revista bimestral (capa variante) e revistas especiais com antecedência por e-mail

www

Obrigado a vocês que acreditam na revista e no poder transformador da Arte!

Alcemar Maia, Daniel Tamayo, Orlando Amorim, Marcos Rossetton, Maria da Graça, Rafael Pentagna, Giovanni Ravasi, Marcelo Reider, Rafael Nogueira, Silvano Albertoni e benfeitores anônimos.



Guilherme Corrêa convida Guilherme Corrêa

FALÓFORO



Foto: Guilherme Corrêa. Modelo: Igor.



CUECAS



rn



SUNGAS



Modelo: Flavio B.

Contos do Falo

AOS VERMES

Dito isto, foi só uma carta rasgada com fúria e um tiro certo no meu peito e o assassino, da família de tantos tiranos, continuou a devastação, mãos trêmulas de ódio empunhando sua arma. Duas, três, quatro, cinco, seis balas, as cinco últimas que não atingiram o alvo – mas a primeira, a que me varou o peito e me tirou o ar, destruiu minha vida – aquela bala eu não esqueço nunca. Faz muito tempo isto tudo, mas o tempo para mim não importa mais: as armas dos opressores seguem matando as pessoas livres, continuam querendo calar os que gritam, o que se opõem.

Eu era jovem, muito jovem e isto me favoreceu: continuo jovem e segurei jovem, os meus vinte e um anos rijos, prósperos e solteiros seguem vinte e um anos até o fim dos séculos, estou para sempre preservado no momento daquele tiro. Não foram só onze amigos que me acompanharam ao cemitério, foi uma multidão, dizem que mais de cem mil pessoas com mórbido interesse me seguiram, compenetrados, em minha última viagem até o campo santo – e em menos que o tempo de uma gestação o governante opressor foi deposto e exilado.

Disseram, acho que li isso em algum lugar, que chovia, uma chuvinha miúda, triste e constante, as nuvens escuras cobriam o azul do céu como um crepe funéreo, mas não vi nada: estava muito

ocupado negociando com os vermes que já começavam a devorar meu jovem corpo, alto, atlético e pálido pelas noites de sexo e absinto, pelas noites em claro escrevendo com minha pena ferina – sei que hoje não usaria uma caneta e sim um computador para meus escritos e para fugir desta censura e deste autoritarismo que retorna cada vez maior. Pelo menos não matam mais às claras, com tiros, os livres-pensadores, os que ousam contestar o regime – mas cancelam suas vozes, deletam, fazem banimentos, prisões arbitrarias – nada muito diferente dos inúmeros ditadores e déspotas que vi, fortes e poderosos, invencíveis até o momento de sua queda, quanto mais alto o trono maior a queda.

Vi passar muita coisa, dias, anos e séculos, reformas e contrarreformas, declarações de guerras e tratados de paz, só eu não passo. Meus amigos resolveram, logo após minha morte, que em homenagem ao ilustre finado eu deveria ter um túmulo imponente no cemitério onde estão os grandes escritores e artistas, um monumento que fosse um louvor ao meu corpo forte de jovem guerreiro das palavras. Enquanto os vermes se deleitavam com minhas carnes, foi feita uma subscrição e sobre o jazigo foi entronada uma escultura em bronze: eu, por terra, a boca meio aberta, os braços caídos, minha vida que se esvai – e a minha virilidade robusta, firme, tesa, pujante, em uma escandalosa ereção.

Sim, tive muitas ereções e muitos gozos nos poucos anos de minha vida, queria ter tido mais. Cortesãs, casadas, putas, jovens, velhas, anônimas ou famosas, rostos e corpos às vezes sem nome, outras vezes perfumadas aristocratas, juras de amor sem fim e lágrimas de amores sem amanhã – a lembrança de todas elas encheu meu corpo e fez com que, ao mesmo tempo em que minha vida escapava pelo orifício da bala, tanta vida se concentrasse em meu pau, duro, a desafiar, fundido em metal, o apetite dos vermes e o esquecimento dos homens.

E hoje estou aqui, converso com meus vizinhos, ausculto as nuvens, me regozijo com autocratas que são defenestrados, choro com guerras e torturas, com bombas e perseguições. Isso é a eternidade, nada mais que isso. Volta e meia chega um novo vizinho, todos o cercamos para saber as novidades. Pessoas trazem flores, nos túmulos de artistas cantam canções, dançam. E as visitas que recebo, sempre, não me esquecem. Mulheres, muitas, inúmeras. Homens também, mas não tantos. Nada contra, na minha juventude tudo era permitido.

Os administradores do cemitério chegaram a cercar minha sepultura, foi inútil: pulam a cerca, se despem sobre meu túmulo, se enroscam em minha ereção, me lambem, me masturbam, gozam comigo, nuas, impudicas, desvairadas, nos horários em que tudo está quieto ou nos feriados de grande movimento, quando trazem vinho e fazem fila para ficar a sós comigo alguns instantes. Dizem que o meu pau aprumado e sólido é remédio para combater a frigidez, para quem quer engravidar, para trazer sorte

no amor, para atrair um bom amante. Para orgasmos inesquecíveis. Não sei, mas as histórias de milagres se espalham e elas vêm esperançosas, ávidas, falam ao meu ouvido de metal (ouço tudo com meus ouvidos incorpóreos): juras, promessas, ameaças, sussurros e gemidos.

Algumas esquecem ou deixam de propósito as roupas de baixo, cheirosas, o cheiro que tem uma mulher, o cheiro que suplanta o cheiro da morte e me leva de volta à minha vida, à minha juventude roubada por aquela bala a soldo de um tirano, o cheiro de amor que soletra para todo o sempre a palavra **LIBERDADE**.

R. I. P.



AFINAL,
TAMANHO É
DOCUMENTO?

NÃO!

É EU TENHO COMO PROVAR!

Pesquisa sobre a anatomia peniana feita
com a participação de leitores/seguidores,
totalmente ilustrado e bilíngue.

PDF | 140 páginas | \$

Entre em contato através do e-mail falonart@gmail.com



uma investigação sobre a anatomia do pênis e seus desdobramentos
an investigation into the anatomy of the penis and its consequences



O despertar dos amantes

Lambi-te os sonhos que se cristalizaram nos cantos dos olhos dormentes. Acordaste tomado de um asco tardio quanto ao meu ato poético. Quebraste com tua irreverência o silêncio de meu ritual. Tua ânsia por motivos sufocou-me a poesia de tal modo que se tornou prosa. E falamos do sal de teus sonhos e dos meus.

Lavei-te a alma com carícias de odores e olhares: tu eras tu novamente, e eu era eu.

Levantaste-te então sobre mim com a exuberância de um puro-sangue e levaste-me à nuca tuas mãos nuas com tamanha delicadeza que te foi possível sentir cada um dos pelos que se eriçavam de meu pescoço como se fosse tua mão um ímã; e eles, minúsculas hastes de um metal suave querendo grudar-te a mim.

Lentamente, como tudo o que tem real valor se cria, trouxeste teus lábios para junto dos meus sem te atreveres a tocá-los num doce e tantálico tormento. E teus lábios fizeram-se novamente virgens para os meus, que, num repente, esqueceram seu sabor somente para, uma vez mais, perderem-se em sua busca e conquista.

Lançaste fora as cobertas e revelaste o paraíso proibido de nossa nudez. Fizeste teus braços descerem sobre os meus como se quisesses vestir-me de ti — e vesti-me!

Lânguidos, teus dedos percorreram o relevo acidentado do éden recém descoberto: vales, colinas, savanas, nascentes. Desbravaste cada recanto como um Adão curioso num paraíso familiar.

Lúbricos, meus dedos adentravam a mata escura de teus cabelos e se perdiam contentes.



Línguas, ora serenas ora afoitas, encontravam-se e cantavam juras de amor eterno sem estrofes ou versos. Exploravam a ferrugem das palavras adormecidas até que finalmente as fizessem despertar. E despertaram em êxtase de opereta, contemplando a ti e a mim com olhos de um terceiro que não era tu nem eu: era nós, que sublime surgia como nova criatura.

Louca criatura! Arfando e suando, alongando-se e dobrando-se sobre si mesma. Nosso cheiro, nosso gosto, nossa dor, nosso prazer — nada era só meu ou só teu naquele momento.

Lírico enlace desfazendo-se no gozo. Éramos novamente tu e eu, olhando-nos exaustos.

Lambi-te o desejo suado que te escorria ao pescoço. Sorriste da língua que em éles de lirismo lascivo fizera da prosa uma poesia ao lançar-se sobre a tua, adoçando num beijo demorado o gosto salgado de teu suor.

SE MEU PAU FALASSE...

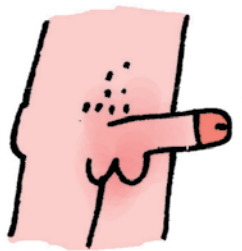
EU QUERO UM CUZINHO!



EU QUERO UMA BUFA!



EU QUERO UMA BOCA!



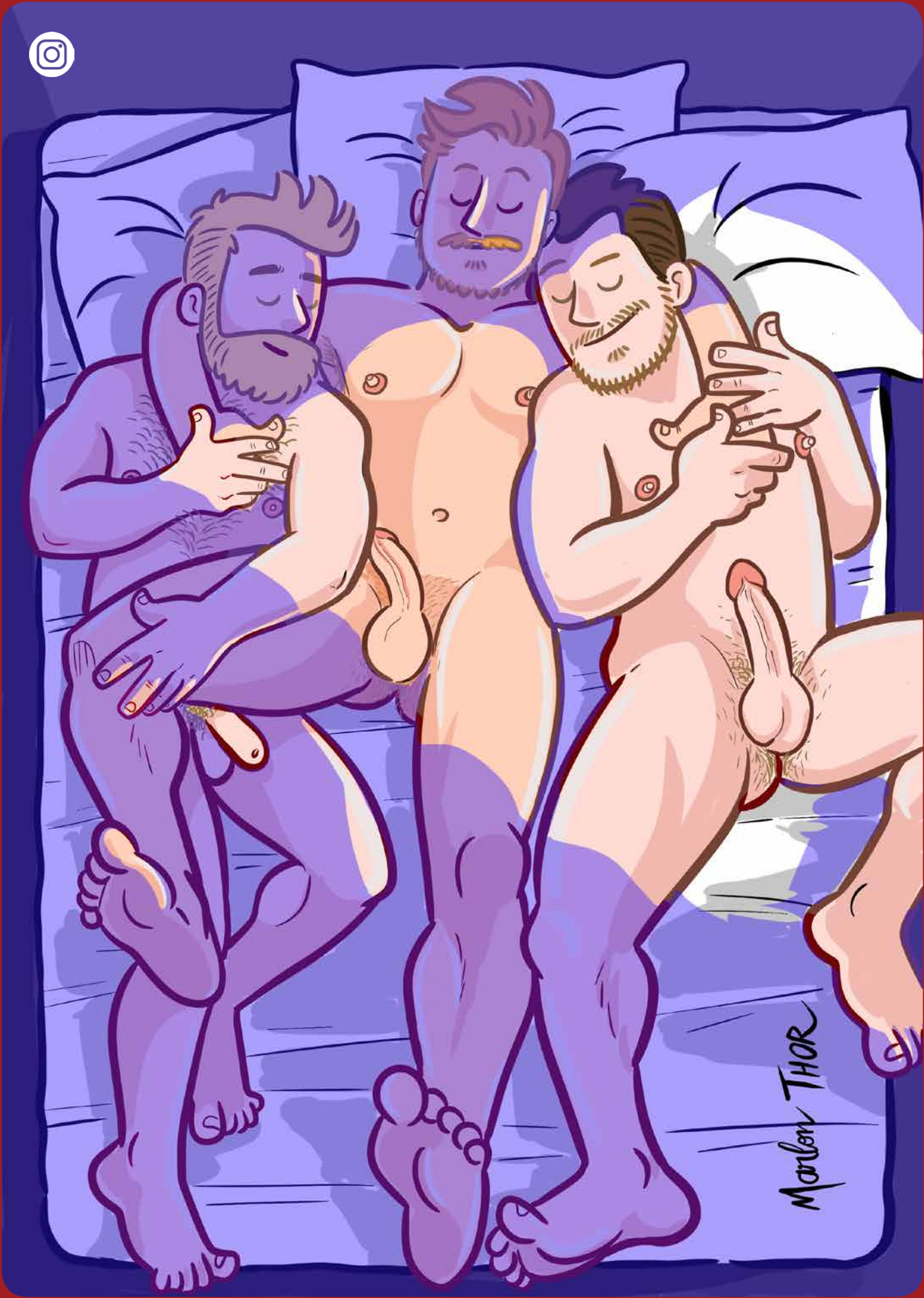
EU QUERO UMA MÃO!



EU QUERO UM MICTÓRIO!



EU QUERO UM MÉDICO!





Carta de amor em tempos de Grindr

Tente não se sentir péssimo se você não consegue encontrar alguém. Há muitos como você buscando um outro, mas nenhum praticamente encontrando. É Grindr, é Hornet, é Instagram, é Tinder, é Scruff, põe foto, muda foto, deleta foto, questiona a própria aparência, o próprio corpo, a própria capacidade, o próprio eu, a própria existência.

De quem é a culpa? Minha? Do outro? Dos aplicativos? Dos tempos líquidos? Da sociedade atual afundada em idealizações e pouco centrada na realidade? Eu diria que de tudo um pouco porque a disponibilidade nos tempos de internet é uma falácia na qual insistimos em acreditar.

Quando dois querem, fazem acontecer? Fazem sim! Mas nada é tão instantâneo e pra já. Vem acontecendo uma uberização das relações que não permite frustrações, ressalvas, cuidado, tolerância, paciência e erros. A gente só quer acertar, mas esquece de aceitar o outro como ele é e não como gostaríamos que ele fosse. E vice-versa!

Antes, para conhecer alguém, era necessário ir até algum lugar, rolar uma paquera ou pegação pesada no dark room ou banheiro. Hoje, do sofá de casa, cada sujeito conversa com milhões de perfis e se perde no número de ofertas: fulano tem o papo bom, mas não me atrai fisicamente; achei o pau desse outro esquisito; aquele só pode amanhã (mas eu quero hoje!); só curto peludos; tem que ter o coolzinho liso; apenas novinhos; somente 40+...

Num mundo que oferece de tudo somos orientados pelo desejo individual cada vez mais quadrado num formato próprio e menos permissivo a variações. Muito diálogo de aceitação na internet, cada vez menos aceitação das diferenças no mundo real.

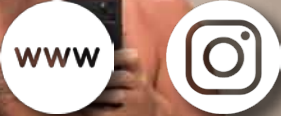
A gente vai ter que virar o lado do disco junto se quiser mudar a playlist. A angústia é digital, mas também analógica. O que você consegue fazer de diferente do que habitualmente vem fazendo para mudar o jogo?



Join The Speed-oh Movement

CELEBRATE THE BODY YOU HAVE, IT'S BEAUTIFUL!

KEEP BODY POSITIVE AND SPEED-OH ON!



Modelo: Guilherme Melo (autorretratos).





FALD

ISSN 2675-018X
falonart@gmail.com

